

# REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 117 / SETEMBRO, 1999 / Nº 2.046

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA  
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17  
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET  
PÁGINA NA WEB:  
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:  
[feb@febrasil.org.br](mailto:feb@febrasil.org.br)

## Editorial– Integração e União

**Ante a Nova Luz** -Juvanir Borges de Souza

**Êxtase**–Mário Frigéri

**A Indulgência** –Robinson Soares Pereira

**Noúres – Correntes de Pensamentos**–Hernani T. Sant’Anna

**Homenagem a Kardec** –Hercília Surrage Cardoso

**Cálices Vazios** –Carlos Augusto Abranches

**Nas Zonas Inferiores** –André Luiz

**O Pano e o Vinho** –Richard Simonetti

**Lares Cristãos** –Passos Lírio

**Energia Mental** –Mauro Paiva Fonseca

**A Poesia Mediúnic de Cruz e Souza – Mensageiro e Ouvi-me**

**Esfloando o Evangelho – Conforto** –Emmanuel

**Gabriel Delanne – Médiun aos Oito Anos**–Suely Caldas Schubert

**A Morte Social** –Lucy Dias Ramos

**FEB/CFN – Comissões Regionais**–Reunião da Comissão Regional Norte

**Política e Religiosidade** –Inaldo Lacerda Lima

**Retificando...**

**A FEB e o Esperanto – Revelando um Mistério** –Ismael Gomes Braga

**Trovas do Além** –Meimei

**Questões Acerca da Natureza do Espiritismo – III – A Religião Espírita**–Sívio

Seno Chibeni

**Um Auto-de-Fé Anterior ao de Barcelona**–Washington Luiz N. Fernandes

**Porque Somos Gemas Raras** –Sônia Arruda

**Do Orgulho à Humildade: Judas e o Perdão**–Roosevelt Pinto Sampaio

**Seara Espírita**

**Nota:** “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” é o livro que ilustra a nossa capa. No pequeno espaço de que dispomos não podemos dizer tudo o que pensamos para exaltar esta obra impar, instrutiva e edificante. Humberto de Campos (Espírito), ao transmiti-la através da mediunidade abençoada de Chico Xavier e sob o olhar de Emmanuel devia estar também – cremos – sob o influxo daquele Mestre Amigo, Jesus, por cujo desígnio foi transportada para esta terra amada do Cruzeiro a árvore bendita do Seu Evangelho de Amor.

# Editorial

## Integração e União

Mais um passo foi dado em prol da união dos espíritas brasileiros, em favor da concórdia e da integração no organismo da Federação Espírita Brasileira de todos que vivem os ideais da Doutrina Consoladora.

Como é do conhecimento daqueles que militam no Movimento Espírita organizado, todas as Federativas Espíritas Estaduais, além de três entidades não federativas de âmbito nacional – Cruzada dos Militares Espíritas, Instituto de Cultura Espírita do Brasil e Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo – constituem o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, criado pela Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro – Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro -, cujo cinqüentenário estaremos comemorando no próximo 5 de outubro de 1999.

Esse órgão de extrema importância, que vem atuando ativamente desde 1º de janeiro de 1950, conseguiu congregar em torno da FEB todas as Instituições que pugnam pelo idealismo inspirado na Doutrina dos Espíritos, e pela expansão do Espiritismo.

Através de um sistema federativo, a semelhança do que ocorre com o organismo político do “Coração do Mundo”, todas as Instituições congregadas no CFN funcionam harmonicamente sem prejuízo dos princípios da independência administrativa e da autonomia dos membros componentes.

Entretanto, o Conselho Federativo Nacional, integrante da FEB pela sua origem e desempenho, não se fazia representar em nenhum dos órgãos diretivos da Federação.

A Assembléia Geral Extraordinária dos sócios efetivos da FEB, realizada em 3 de julho do corrente ano, aprovou alteração do Estatuto febianos, dando condições ao CFN para indicar quinze representantes seus (dez efetivos e cinco suplentes) para integrarem o Conselho Superior, nas mesmas condições dos demais conselheiros.

Torna-se, assim, uma realidade, antiga aspiração de espíritas sinceros, de uma maior união e integração, em torno da FEB, de todo o Movimento organizado. ■

# Ante a Nova Luz

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Aqueles que aceitam o Espiritismo em toda a sua extensão e abrangência, e não somente como mais uma ciência no mundo, com deduções filosóficas que aclaram o destino do ser humano, percebem seu caráter religioso.

Em sentido lato, a religião compreende as normas morais de comportamento que dão segurança ao ser quanto às formas de agir e de pensar, na sua busca permanente de Deus e de sua Vontade.

A Mensagem do Cristo, sintetizada no Amor a Deus e ao próximo, como norma comportamental para a ascensão humana, não proscreeu o conhecimento, nem o uso do raciocínio, nem o esforço intelectual para o crescimento da criatura. Mas deu ênfase ao sentimento, à moralização, à fraternidade, à solidariedade, à compreensão, como aquisições vinculadas à religiosidade de cada Espírito, para seu próprio bem.

O Consolador, que o Mestre Incomparável prometeu e enviou, segue a mesma diretriz da sua Mensagem de há 2000 anos.

Agora, o mundo atual tem uma fisionomia inteiramente diferente daquele de vinte séculos atrás.

Os homens, por si mesmos, avançaram de forma impressionante no terreno do conhecimento.

As experiências científicas pelo menos no que concerne à matéria, não encontram termos de comparação com as dos séculos anteriores.

A vida material das populações atuais e a usufruída em tempos anteriores são inteiramente diferentes.

As ciências e a tecnologia revolucionaram a vida no Planeta, criando um mundo diferente do conhecido por nossos antepassados.

Entretanto, do ponto de vista moral, o progresso não foi tão significativo, demonstrando que a presciência do Cristo de Deus e a preocupação da Nova Revelação com a transformação íntima do homem são totalmente procedentes, ao prescreverem a necessidade de o homem se dedicar, precipuamente, ao aperfeiçoamento moral.

A religiosidade, em sentido lato, amplo, ínsita na Doutrina Espírita, tem, pois, o sentido de aperfeiçoamento moral, vivência do Amor, busca de Deus, sem prejuízo, evidentemente, do cultivo do conhecimento de sua filosofia e de seus aspectos científicos.

Não tem precedência, assim, o posicionamento de adeptos do Espiritismo que não aceitam seu aspecto religioso, deturpando-o, propositalmente, com os epítetos de *religiosismo* e *igregismo*, numa demonstração evidente de má-fé, de má interpretação ou de ignorância da própria Doutrina.

De qualquer forma, a existência de focos, dentro do Movimento Espírita, que se desviam de fundamentos essenciais da Doutrina Consoladora, demonstra que a idéia espírita, generosa e segura para o aperfeiçoamento espiritual do homem, não está infensa às incompreensões oriundas da

ignorância, da insensibilidade e do personalismo, que demonstram a falta de vigilância recomendada por Jesus.

Em todos os tempos, os textos escriturísticos, por mais claros e elevados em sua significação transcendente, estiveram sujeitos a interpretações infelizes e maliciosas de Espíritos levianos, dos dois planos existenciais.

A linguagem do Bem, entretanto, cedo ou tarde suplanta a do mal, assim como o egoísmo e o orgulho não resistem indefinidamente aos sentimentos fraternais e à humildade. Se assim não fosse, não haveria progresso, evolução, determinismo divino da predominância do Bem.

É triste constatar que a incúria de certos adeptos leva-os à incompreensão dos mais puros ensinamentos do Cristo e do Consolador, que o Espiritismo, na sua feição moral, ética, religiosa e educacional reafirma nos tempos atuais.

O Espiritismo e seu Movimento não podem esquecer o Evangelho de Jesus, entendido em espírito.

Toda a Codificação está impregnada dos ensinamentos inigualáveis do Cristo, como sua parte integrante.

Essa evidência não implica o entendimento dos Evangelhos sob a interpretação das Igrejas Católica e Reformadas.

Uma realidade é o Cristianismo do Cristo, na sua feição eterna, revivida na Doutrina dos Espíritos.

Outra coisa é o denominado Cristianismo das Igrejas, com seu cortejo imenso de interesses puramente humanos, suas interpretações literais do Velho e do Novo Testamentos, seus dogmas impróprios, suas tendências para o culto e as práticas exteriores.

O que é estranho é o espiritista confundir *religiosidade*, no seu sentido mais elevado, imprescindível na transformação humana, por sua significação de busca de Deus e de prática de suas leis divinas, com culto das organizações religiosas tradicionais.

O espírita lúcido, conhecedor da Doutrina, está apto a distinguir conceitos diferentes, mesmo que vinculados a palavras com múltiplas significações, como é o caso do termo *religião*.

Não se justifica, assim, o divisionismo no entendimento da Doutrina Consoladora, baseado em questões de semântica.

Posicionamento diferente é o daqueles que não aceitam a Mensagem do Cristo, o seu Evangelho de Luz, como integrante da base moral do Espiritismo.

A moral cristã estende-se a toda a Humanidade e não é privilégio de grupos, seitas, religiões.

Ela é universal e o Espiritismo não poderia ignorá-la para adotar outra moral qualquer, indefinida e particularista, como pretendem alguns adeptos, que se apegam à palavra *moral*, sem defini-la, criando um clima de divisão injustificável, no seio do Movimento.

É a intolerância, o orgulho e a pretensão que se colocam a serviço da incompreensão, no seio de um movimento que deveria ser coeso, fraterno, solidário, refletindo a própria natureza da doutrina que o inspira.

Allan Kardec deixou-nos observações interessantes sobre o movimento de seu tempo, que são lições vivas para nossas atividades atuais.

Em sua viagem à Bélgica, em 1864, em seu discurso aos espíritas de Bruxelas, referindo-se àqueles que conhecem superficialmente o Espiritismo,

sem atentar no seu caráter mais profundo que penetra no campo dos sentimentos do adepto, advertia:

“Sem contradita, eis o maior escolho que encontram os sinceros propagadores da doutrina, pois muitas vezes vêem a obra, que penosamente esboçaram, desfeita por aqueles próprios que os deveriam secundar. É um fato constante que o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que não o compreendem absolutamente e, mesmo, por seus inimigos declarados. **E é de notar que os que o compreendem mal geralmente têm a pretensão de o compreender melhor que os outros(...)**” (Revista Espírita, nov./1864 – grifos nossos.)

Como se observa, a interpretação da Doutrina, apesar da preocupação do Codificador com sua clareza, quando em mãos de intolerantes e personalistas, leva à divisão e ao cisma, escolhos a que a generosa idéia espírita não se poderia furtar.

Lamentamos, os espíritas cristãos, os que aceitamos o Cristo de Deus como Mestre e Modelo, o divisionismo nas hostes spiritistas, por personalismos derivados da presunção e do orgulho, que levarão a outras conseqüências indesejáveis, como a pretensão de *revisão* da Doutrina Espírita, para adaptá-la a conveniências pessoais e a velhos caprichos.

Ante a luz da Verdade que a Doutrina Espírita nos proporciona, libertando-nos e concitando-nos a seguir à frente, não podemos mais permanecer prisioneiros de “pontos de vista” pessoais por invigilância e vaidade. ■

# Êxtase

MÁRIO FRIGÉRI

“Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco (...) .“ **Jesus** (João, 13:33.)

Quando na Terra tudo silencia,  
Depois que o dia já se esvaneceu,  
E a noite chega, com seu manto imenso,  
E em seu silêncio tudo adormeceu;  
Quando as estrelas, com brilho triste,  
Lembram que existe um mundo melhor,  
Onde, por certo, Tu estás sorrindo,  
Distribuindo o Teu divino Amor.

Quando eu me lembro que entre nós andaste  
E nos chamaste de filhinhos Teus,  
Nos revelando o verdadeiro Amor,  
No esplendor da Religião de Deus,  
Quando me inunda Tua voz suave  
E fala grave ao meu coração,  
Penso que é Deus que está falando à Terra,  
E a Terra toda a suplicar perdão...

Nessa hora imensa, quando estou sozinho,  
Bem sei, Paizinho, que não sou só eu;  
Dentro, em minh'alma, nesta solidão,  
Teu coração sinto bater com o meu...  
Quero que saibas que Te amamos tanto,  
Que és todo o encanto desta vida aqui,  
E que estás vivo no meu pensamento,  
Todo momento estou pensando em Ti!

▪

# A Indulgência

ROBINSON SOARES PEREIRA

**J**osé – Espírito Protetor – fala-nos dessa nobre virtude (...) “sentimento doce e fraternal que todo homem deve alimentar para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso. A indulgência não vê os defeitos de outrem, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los.”<sup>1</sup>

É claro que quando se visa a prestar um serviço à coletividade, os próprios Espíritos advertem que os maus atos de outrem devem ser apontados, mas mesmo neste caso, ter o cuidado de os atenuar tanto quanto possível, não se esquecendo de ser caridoso...

Conta-se que um rapaz procurou Sócrates – sábio da Grécia Antiga – e lhe disse que precisava contar algo sobre alguém. Sócrates ergueu os olhos do livro que lia e perguntou: - O que você vai me contar já passou pelas três peneiras? – Três peneiras? Indagou o jovem assustado. Continuando disse Sócrates: - Sim. A primeira peneira é a VERDADE. O que você quer contar dos outros é um fato? Caso tenha ouvido falar, a coisa deve morrer por aí mesmo. Suponhamos então, que seja verdade. Deve passar pela segunda peneira: a BONDADE. O que você vai contar é coisa boa? Ajuda a construir ou destruir o caminho, a fama do próximo? Se o que você quer me contar é verdade, é coisa boa, deverá passar ainda pela terceira peneira: a NECESSIDADE. Convém contar? Resolve alguma coisa? Ajuda a comunidade? Pode melhorar o planeta? E arremata Sócrates: - Se passar pelas três peneiras, conte. Tanto eu, quanto você e seu irmão iremos nos beneficiar. Caso contrário, esqueça e enterre tudo.

Será uma intriga a menos para envenenar o ambiente e fomentar a discórdia entre irmãos. Devemos ser sempre a estação terminal de qualquer comentário infeliz.

Ainda com relação aos comentários de José – Espírito Protetor – (op. cit.) diz o mesmo: “Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros”.

Há ditos populares que nos advertem quanto aos reproches, como por exemplo: “Nunca digas dessa água não beberei”, “Fulano pagou com a língua”...

A verdade é que ninguém se encontra indene para bater no peito e dizer: “Isso, eu nunca farei...”

Não conhecemos as nossas fraquezas mais íntimas, Jesus, referindo-se a essa questão, disse a Pedro: (...) “Mas vais aprender, ainda hoje, que o homem do mundo é mais frágil do que perverso.”<sup>2</sup> E tão logo se consumou a prisão de Jesus, Pedro ataca com a espada um dos soldados que veio prender o Mestre, cortando-lhe uma das orelhas... Parece, neste momento, ter esquecido as lições de amor do Mestre Jesus. E mais adiante, nega-o por três vezes, lembrando-se de imediato, após a terceira negação, das palavras sábias de Jesus a dizer-lhe o quanto o homem no mundo é frágil.

Jesus nos deu mostras em diversas passagens do Evangelho da indulgência para com as imperfeições alheias, como no caso da mulher adúltera, dos soldados que o crucificaram, do próprio Judas que o traiu. E nos advertiu da severidade do julgamento do Pai para conosco, na mesma proporção com que julgarmos os outros. (Mateus, 7:1-2).

Óbvio está que a falta de indulgência para com o próximo demonstra o

nosso esquecimento dos ensinamentos de Jesus – prova inequívoca da nossa fraqueza espiritual.

Exorta o Espírito Dufêtre: 3

“Caros amigos, sede severos convosco, indulgentes para as fraquezas dos outros. É esta uma prática da santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vós tendes maus pendores a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos tendes um fardo mais ou menos pesado a alijar (...) Por que, então, haveis de mostrar-vos tão clarividentes com relação ao próximo e tão cegos com relação a vós mesmos?”

Tanto tempo temos estudado a Doutrina Espírita. É preciso, pois, que nós, os espíritas, adotemos os ensinamentos morais, como este, aplicando-os, sobretudo dentro das nossas Casas Espíritas. Entendendo a individualidade espiritual de cada um, deixando de tentar submeter consciência às “nossas verdades”. Sabendo implementar os conhecimentos doutrinários de acordo com a capacidade de aprendizado de cada um. Acabando com as rusgas, maledicências, comentários infelizes acerca do próximo, que demonstram a nossa falta de indulgência e de evangelho no coração.

Busquemos, primeiro, acender a nossa luz interior, para depois começarmos a iluminar as trevas que nos cercam. ■

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. X, item 16. 111. ed. FEB.
2. XAVIER, F. C., *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos, cap. 26, pág. 173, 20 ed. FEB.
3. KARDEC, Allan, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. X, item 18. 111. Ed. FEB.



# Noúres – Correntes de Pensamentos

HERNANI T. SANT'ANNA

Uma pedra pode parecer inerte e morta, mas no seu interior movem-se, vibrantes e velozes, multidões de átomos que nossos olhos desguarnecidos não percebem, mas que são, na realidade, minúsculos sistemas solares, com seus núcleos centrais e os elétrons que giram em torno deles.

Na Terra, cada célula animal ou vegetal é microscópico ser vivente que nasce, respira, alimenta-se, cresce, reproduz-se e morre. Um ser em evolução. Nas amplidões siderais o movimento também é incessante nas órbitas galácticas, em magníficos balés de coreografias indizíveis.

Move-se o nosso mundo em torno do seu eixo, ao redor do Sol e nos ajustamentos geodésicos de suas placas tectônicas. Move-se o ar na suavidade das brisas, na fúria dos vendavais e no turbilhão dos ciclones e tornados. Move-se a água no fluxo cantante dos rios e das cachoeiras, na turbulência dos maremotos e nas tempestades oceânicas. Move-se o fogo nas labaredas dos incêndios, nas descargas elétricas dos raios e no fumegante esplendor das lavas incandescentes.

Movemo-nos também, por dentro e por fora, em ritmo inestancável. Movemos os músculos e as articulações, as mãos, os pés, a boca, os olhos, os dedos e a língua. O sangue não pára de correr em nossas veias e artérias, e respiramos sem pausa, movimentando os pulmões. O coração bate continuamente. Todos os nossos órgãos trabalham sem descanso. Nossas células e tecidos respiram e se alimentam sem parar. Nossas glândulas internas secretam com regularidade os seus humores. Nosso cérebro não se cansa de produzir os pensamentos que exprimem nossas idéias, anseios e emoções. Nossa mente, sempre ativa, nunca se desliga no comando dos nossos impulsos volitivos. Mesmo durante o sono corporal nosso espírito vigia e prossegue ativo.

Se tudo se move no universo, como tudo não se destrói em generalizados entrechoques? Quem sabe quantas miríades de galáxias se movem em órbitas imensas nos espaços infinitos, a incríveis velocidades astronômicas, com suas multidões de estrelas, planetas, cometas, asteróides, nuvens de gás e poeira, e tudo mais que existe nas amplidões imensuráveis? E como todos esses turbilhões se equilibram numa harmonia transcendental e divina?

Sim, bem sabemos que não são cegas as forças que governam a vida, que as leis do movimento se conjugam sempre com as do magnetismo e as da gravitação, nas sinergias cinéticas que estruturam os fenômenos evolutivos em todas as dimensões. E sabemos também que tudo o que existe necessita e consegue alimentar-se através das trocas energéticas que ocorrem automaticamente conforme as leis da afinidade.

Em nosso plano, os seres humanos e os animais se valem não somente dos princípios alimentares que os vegetais elaboram a partir de essências minerais, senão também de elementos nutritivos que absorvem da água e do ar. Além disso, a cada segundo nossos lobos frontais são atingidos por bilhões de raios cósmicos, e somos diariamente envolvidos pelos raios luminosos e caloríficos do Sol. Raios gama alcançam-nos pelos pés, enquanto os raios magnéticos expedidos pelos nossos semelhantes, pelos vegetais e pelos animais de nosso ambiente percutem horizontalmente em nossa organização fisiopsíquica. Na verdade, recebemos e expedimos, a cada segundo, trilhões de raios magnéticos de toda espécie, numa permuta incessante de estímulos vitais.

Assim como cada mundo revoluciona em órbita condizente com o teor da sua própria tensão eletromagnética, nas linhas de gravitação em que se equilibra, assim também cada um de nós vive e se movimenta circunscrito às faixas dimensionais dos padrões vibratórios de ação e percepção que lhe assinalam a posição evolutiva.

Compreende-se que tratamos agora não mais dos dimensionamentos físicos de comprimento, largura e altura, nem dos relativos a volume, peso e densidade dos corpos materiais, e sim de dimensionamentos psíquicos relativos à natureza vibratória dos pensamentos, que também possuem, como sabemos, importantes e variáveis diferenciações de leveza, intensidade, magnetismo e poder.

No campo físico as ondas formam correntes poderosas e visíveis, como as marítimas, que são verdadeiros rios de água que atravessam os oceanos sem com eles se confundirem ou neles se dispersarem, ou como os rios comuns que deslizam sobre a terra. Há também, conhecidas de todos, as correntes elétricas, as magnéticas e as gravitacionais. Todos sabemos que as camadas atmosféricas terrenas estão permanentemente saturadas de ondas hertzianas longas, moduladas, curtas e ultracurtas. Carregadas de imagens e sons e que os aparelhos eletrônicos captam e reproduzem. Mas, além de todas essas, são as correntes psíquicas, muito mais sutis, insinuantes e potentes, que nos envolvem e atingem: as correntes de pensamentos, as noures.

Vivemos imersos num mar de vibrações de toda espécie, produzidas por aluviões de pensamentos que fluem como rios etéreos, em correntes de forças que se espriam, se confundem, se entrecrocam, se acumulam, se desintegram, ou até se revigoram ao influxo de outras correntes afins. Nossas antenas mentais captam seletivamente essas vibrações, na medida em que se afinam com nossas idéias e sentimentos. Quando isso acontece, essas cargas psíquicas passam a circular automaticamente em nossos circuitos cerebrais, influenciando os nossos processos intelectivos e enriquecendo ou deprimindo os nossos estados emocionais. Esse é o fenômeno da ressonância, no qual as vibrações, cujas freqüências se afinizam, se refletem e se reforçam. As conexões de idéias resultam dessas aglutinações por afinidade, capazes, a seu turno, de expandir-se, sensibilizando outras mentes, em processos que podem ser de longo alcance e considerável duração.

Em verdade, nada é mais corriqueiro do que essas captações de correntes mentais pelas pessoas comuns. Certos pensamentos inopinados e estranhos que surgem nas mentes desprevenidas são exemplos disso. Quando se está despreocupado ou distraído, tal coisa muitas vezes acontece.

Algo existe, porém, mais significativo e ponderável do que o simples fluir de uma corrente de idéias. São as concentrações fluídicas de pensamentos que saturam certos ambientes, transformando-os em campos ativos de força magnética, boa ou má, agradável ou deprimente. Algumas dessas concentrações são o que as pessoas chamam de ambientes pesados, nos quais a atmosfera parece carregada de péssimas vibrações. Neles a mente se constringe e se constringe, como se alguma emanção maléfica ali se encontrasse. E é isso o que de fato acontece. É nesses encubadouros de maldades que viçam as sementes dos crimes. Infelizmente nosso mundo está repleto deles, e são eles que se projetam nalgumas regiões umbralinas, adjacentes à crosta, materializando verdadeiros infernos de perversidade e sofrimento.

Todos os locais onde pessoas habitualmente se concentram transformam-se naturalmente em campos de força magnética, formados pela saturação dos pensamentos dos que neles residem ou trabalham. Mas não podemos esquecer que não são somente em lugares circunscritos que surgem esses campos de força. Cada mente humana é um centro vivo e poderoso de recepção e irradiação de energias psíquicas, um centro indissolúvelmente conectado com todas as fontes de forças do universo. ■

# Homenagem a Kardec

HERCÍLIA SURRAGE CARDOSO

Allan Kardec, receba  
neste instante de esplendor,  
nossa homenagem de amor,  
nossa eterna gratidão,  
pelo bem que nos fizeste  
codificando a doutrina,  
como semente divina  
brotando da Evolução.

Missionário do Senhor,  
tua cultura em excesso  
abriu caminho ao progresso  
e na treva se fez luz.  
A luz da Doutrina Espírita  
que nos clareia a estrada,  
numa celeste alvorada,  
a serviço de Jesus.

Glória a ti, Allan Kardec  
que, segundo o Espiritismo,  
nos trouxe sem misticismo,  
a explicação do Evangelho,  
muito clara, sem disfarce  
para quem quiser ouvir  
e novo rumo seguir,  
deixando o roteiro velho.

Sem o Livro dos Espíritos  
que nos mostra a realidade  
de tanta desigualdade  
que campeia pelo mundo.  
A dor seria maldita,  
não saberíamos sofrer,  
nem cumprir nosso dever,  
nosso barco iria ao fundo.

A Gênese, o Céu e o Inferno  
obras que são melodia,  
anúncio de um novo dia

que nos aponta o porvir.  
Da morte não temos medo.  
Cada vez mais confiante,  
prossequiremos avante  
na tarefa de servir.

O grande Livro dos Médiuns  
nos traz em sua essência  
sabedoria e ciência.  
E assim cumpriu o Senhor  
a promessa que fizera  
de enviar à Humanidade  
em Espírito e em Verdade,  
um novo Consolador.

Obrigada, Allan Kardec,  
teu nome é glorificado  
por não teres fracassado  
naquela época remota.  
Apesar do sofrimento  
que passaste nesta vida,  
continuaste a subida,  
sem te desviar da rota.

Kardec, Deus te abençoe,  
que Ele ouça o nosso grito  
a ecoar pelo infinito  
nesta hora tão bonita.  
Hoje, agora, aqui e sempre,  
queremos estar contigo,  
nosso grande e sábio amigo,  
seguindo a Doutrina Espírita.

# Cálices Vazios

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

“Aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d’água que salte para a vida eterna.” – **Jesus.** (João, 4:14)

**M**eio-dia em Sicar, na planície de Mahné. A hora sexta é das mais difíceis para os viajantes, por causa do calor excessivo e da escassez de sombras para o repouso.

Jesus se ressentia do cansaço da longa caminhada com os discípulos, desde o Vale do Jordão, e senta-se junto à formação de pedras do poço de Jacó, pouco antes de completar a viagem.

Enquanto os amigos de caminhada seguem adiante em busca de alimentos, o Senhor vê chegar uma mulher da Samaria. Era prática da época buscar água em ânforas, nas fontes, tarefa que a senhora cumpriria, utilizando-se do manancial do poço, um dos mais profundos da região, com 39 metros da superfície até o lençol de água.

Desprezando a animosidade que havia entre samaritanos e judeus, iniciada quando os companheiros de Zorobabel não aceitaram a colaboração dos habitantes da Samaria na restauração do templo, o que acabou fazendo com que Manassés, expulso de Jerusalém, levantasse um outro templo em Garizim, Jesus pede água para matar a sede.

A mulher é tomada de surpresa com a rogativa do Senhor, ao que Ele responde: *Se souberas o dom de Deus e quem é Aquele que te diz ‘dá-me de beber’, tu Lhe terias pedido e Ele te daria a água viva.*

Profundamente tocada na alma pelas revelações que Jesus lhe faria no decorrer do diálogo (João, 4:4-26), a mulher abre-lhe as profundezas do sentimento para receber a mensagem transformadora. A samaritana arrebatada a sede momentânea do Senhor, mas leva dele a ânfora cheia da água que dessedenta as carências da alma.

\*

**A** criatura sensível que se dispõe a investir no crescimento interior vai ao *poço* do coração. O empenho por tal jornada é premiado com a presença do Cristo junto dele. É o encontro sublime da alma em ascensão com a fonte divina das forças que saciam o desejo de evoluir.

A vontade de vencer a sede de amor é tanta que o ser pede essa água diferente, para que não mais fique só, no afã de encher cálices inúmeros na vivência repetitiva de experiências transitórias. Por fim, reconhece nas reverberações profundas do poço do coração a voz imortal do Cristo Interno, manifesto dentro dele.

Quando as ânforas íntimas estão repletas, a alma está plenamente realizada. Não há felicidade maior do que encontrar o caminho definitivo. Nada mais intenso do que mergulhar na vivência da alegria e do amor eterno, da grandeza de se fazer *um* com o Pai.

\*

**D**esligar-se dos laços inferiores foi a grande realização que André Luiz cumpriu em si mesmo, no curso dos acontecimentos desencadeados com sua desencarnação.

O Espírito contou sua trajetória no livro “Nosso Lar”, mas revelou na obra seguinte da série, “Os Mensageiros”, detalhes mais aprofundados do que lhe ocorreu posteriormente, quando começou a perceber os efeitos elevados que a dedicação à descoberta íntima lhe causou.

No primeiro capítulo do livro referido, ele afirma saber o quanto lhe custara abandonar a paisagem doméstica, suportar a incompreensão da esposa e a divergência dos filhos amados. Mas ao vê-la profundamente identificada com o segundo marido, não encontra outra saída senão buscar diferentes motivos de interesse.

Resolve, então, permitir que a concha invisível em que vivia, impermeável aos espetáculos grandiosos da vida, fosse quebrada pelos impactos do martelo da dor. Rompem-se antigas viciações do sentimento, André liberta-se. Expõe o organismo espiritual ao sol da Bondade Infinita. Começa a ver mais alto, alcançando longa distância.

O Espírito relaciona os primeiros resultados da libertação. Cataloga adversários na categoria de benfeitores. Volta ao antigo lar não mais como senhor do círculo doméstico, mas como operário que ama o trabalho da oficina que a vida lhe designou. Passa a procurar na esposa do mundo a irmã a quem deveria auxiliar, e em seu novo companheiro alguém que necessitasse do concurso de suas experiências. Os filhos não mais são considerados como sua propriedade, mas sim como irmãos aos quais lhe competia estender os benefícios do conhecimento novo, amparando-os espiritualmente no alcance de suas possibilidades.

O choque tornara-se inevitável. A medida que o homem velho começou a destruir os castelos de exclusivismo injusto, sentiu que outro amor passou a se instalar em sua alma. Foi a única forma de ouvir o apelo profundo e divino da Consciência universal.

A narração que André Luiz apresenta do que lhe ocorreu a partir de então é belíssima, de um profundo ensinamento para todos os que lhe apreciam o trabalho deixado através da mediunidade de Chico Xavier. Narra ele que as vozes da Natureza, agora, eram muito mais altas que as dos seus interesses isolados. Confessa que sentiu o “júbilo de escutar-lhe os ensinamentos misteriosos no grande silêncio das coisas” (pág. 12).

Associado a essa experiência de notável beleza. André revela que também passou a dar significação real a elementos simples da vida, como o rumor das asas de um pássaro, o sussuro do vento e a luz do Sol.

Os anseios do espírito perquiridor fizeram com que, para ele, a conversação espiritualizante se tornasse indispensável, ao mesmo tempo em que declinava a paixão por assuntos de ordem menos digna. Desejava, antes, saber em que poderia ser útil.

Conversando certa vez com Narcisa, Espírito nobre que lhe deixa inúmeras orientações em “Nosso Lar”, ouve dela e explicação adequada sobre tal transformação. Narcisa lhe informa, com firmeza serena:

- André, meu amigo, você vem fazendo a renovação mental. Em tais períodos, extremas dificuldades espirituais nos assaltam o coração. Lembre-se

da meditação no Evangelho de Jesus. Sei que você experimenta intraduzível alegria ao contacto da harmonia universal, após o abandono de suas criações caprichosas, mas reconheço que, ao lado das rosas do júbilo, defrontando os novos caminhos que se descerram para sua esperança, há espinhos de tédio nas margens das velhas estradas inferiores que você vai deixando para trás. Seu coração é uma taça iluminada aos raios do alvorecer divino, mas vazia dos sentimentos do mundo, que a encheram por séculos consecutivos.

E André reconhece isso mesmo. Após ouvir a explicação da benfeitora, suprema alegria inunda-lhe o espírito, ao lado da incomensurável sensação de tédio, quanto às situações de natureza inferior. Percebe que regressava freqüentemente ao lar para trabalhar pelo bem de todos, mas sem qualquer estímulo. O ex-médico terreno conclui, então, que seu coração *era um cálice luminoso, porém, vazio*.

Narcisa volta a orientá-lo, acentuando:

- Encha sua taça nas águas eternas daquele que é o Doador Divino. Todos nós somos portadores da planta do Cristo, na terra do coração (...) Quando crescemos para o Senhor, seus ensinamentos crescem igualmente aos nossos olhos. Vamos fazer o bem, meu caro! Encha seu cálice com o bálsamo do amor divino. Já que você pressente os raios da alvorada nova, caminhe confiante para o dia! ...

\*

**A** experiência vivida por André Luiz precisa estar viva em nossa memória de espíritos. Às vezes, um trecho fundamental de um livro nos passa despercebido na leitura. Neste caso, guardá-lo significa ficarmos atentos para alguns sentimentos que podem estar acontecendo conosco, em nosso momento existencial.

Se já não queremos mais vitalizar em nós os apelos do mundo, se já não nos satisfazemos com o que alimentou nossos desejos antigos, mas ainda carregamos o tédio de um cálice íntimo vazio, pensemos no poço profundo do coração.

Se a samaritana teve o ensejo de nele encontrar-se com o Cristo, por que nós, criaturas igualmente sedentas de paz e harmonia, não podemos viver o mesmo? Basta-nos o esforço de prosseguir na iniciativa de esvaziá-lo dos valores transitórios, para que o Senhor nele derrame a *água viva* que dessedenta para sempre. ■

# Nas Zonas Inferiores

‘**E**nfim, como a flor de estufa, não suportava agora o clima das realidades eternas. Não desenvolvera os germes divinos que o Senhor da Vida colocara em minhalma. Sufocara-os, crimosamente, no desejo incontido de bem-estar. Não adestrara órgãos para a vida nova. Era justo, pois, que despertasse à maneira de aleijado que, aí despertasse à maneira de aleijado que, restituído ao rio infinito da eternidade, não pudesse acompanhar senão compulsoriamente a carreira incessante das águas; ou como mendigo infeliz, que, exausto em pleno deserto, perambula à mercê de impetuosos tufões.

Oh! Amigos da Terra! Quantos de vós podereis evitar o caminho da amargura com o preparo dos campos interiores do coração? Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois”.

**ANDRÉ LUIZ**

---

(Experiência do autor, após a morte, narrada em “Nosso Lar”, psicografia de F. C. Xavier, edição FEB, cap. I).



# O Pano e o Vinho

RICHARD SIMONETTI

O jejum, a abstenção de alimentos, em determinados dias, fazia parte das práticas religiosas judaicas.

Segundo alguns exegetas, era uma forma de expiar os pecados individuais e coletivos. Devia ser exercitado com sentimentos de contrição.

Os fariseus, que jejuavam duas vezes por semana, costumavam nesses dias apresentar ar de sofrimento, mais por imperativos da conveniência do que avaliações da consciência ou reclamações do estômago.

Jesus não jejuava, nem seus discípulos.

Não há no Evangelho nenhuma observação a respeito, a não ser o duvidoso estágio de quarenta dias no deserto, provavelmente uma interpolação.

Para Jesus o jejum que realmente interessava era a abstenção de maus sentimentos, o que, associado à oração, daria condições até mesmo para neutralizar a ação dos espíritos obsessores mais endurecidos.

Sempre dispostos a questioná-lo, insinuando que Jesus não cumpria os ditames da lei mosaica, os fariseus disserem-lhe, certa feita (Lucas, 5:33-39):

- *Os discípulos de João [Batista], jejuam freqüentemente e fazem orações, assim como os dos fariseus: mas os teus comem e bebem.*

O mestre reage com tranqüilidade à provocação e pergunta:

- *Podem acaso estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?*

*Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo e nesses dias não de jejuar.*

Costuma-se apresentar Jesus como um homem triste, torturado, a suportar o peso das iniquidades humanas.

Por isso mesmo, consagrou-se o crucifixo como o símbolo do Cristianismo e é assim que tem sido representado nas igrejas -- pregado na cruz.

Nada mais distanciado da realidade.

O otimismo e a alegria são características do Espírito superior. O próprio título *Evangelho* significa Boa Nova, a boa notícia da existência de um Deus de amor e misericórdia que trabalha incessantemente pela felicidade de seus filhos.

Jamais o discípulo da Boa Nova deverá ser acabrunhado, triste, amargurado...

A resposta de Jesus ao comentário maledicente dos fariseus foi bem-humorada, como ocorreria inúmeras vezes.

O noivo era a figura principal do casamento judaico, inclusive o patrocinador da festa, numa sociedade em que a mulher estava relegada a plano secundário.

Jesus situa-se como o noivo que, simbolicamente, vinha para a divina celebração do Amor. Era tempo de júbilo. Que todos festejassem a bênção da existência, a alegria de viver!

Tristezas e mortificações não edificam. O único sacrifício que Deus

espera de nós é o de nossos interesses pessoais em favor do bem comum.

Todas as iniciativas em torno desse mister serão recompensadas generosamente pelo Céu, prodigalizando-nos bênçãos de conforto, saúde e paz.

\*

**C**omo sempre acontecia, Jesus aproveitou o ensejo para enunciar precioso ensinamento:

- Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho, porque o remendo tira parte do vestido e fica maior o buraco.

Nem se põe vinho novo em odres velhos, pois se rompem os odres e derrama-se o vinho. Mas põe-se vinho novo em odres novos e ambos se conservam.

Se remendamos um traje velho com tecido novo ele não resistirá ao encolhimento do pano enxertado e se romperá. O buraco ficará maior.

E há a figura do odre, um saco feito de pele de animais para transporte de líquidos. Se é velho e recebe vinho novo, este tende a se expandir, rompendo-o.

Jesus reporta-se a um problema bem atual:

A resistência às inovações, qual pano esgarçado que não suporta o remendo novo, ou odre desgastado, que se rompe ao receber vinho de produção recente.

\*

**M**uita gente questiona o porquê dos ciclos reencarnatórios.

Não seria mais prático uma existência de mil anos, acumulando aprendizado e experiências sem as dificuldades e problemas que envolvem os intermináveis renascimentos e “remorrimentos”?

Até seria, se não houvesse, no estágio em que nos encontramos, uma tendência ao acomodamento, criando um impasse evolutivo, uma espécie de “marcapasso” nos caminhos da evolução.

Difícilmente encontraremos um homem idoso disposto a mudar suas convicções. A partir de determinada idade, e isso pode variar de pessoa para pessoa, o indivíduo acomoda-se e perde a capacidade de renovar-se, caindo na estagnação.

Após os arroubos juvenis fica frágil a vontade quando se trata de remendar a vida.

Jesus ainda reforça, em Lucas:

- *Ninguém que já bebeu o vinho velho, quer o novo, pois diz: “o velho é melhor”.*

Cristalizando-se o indivíduo, em torno de determinado comportamento, ao longo dos anos, fica difícil aceitar novos padrões.

É quando a Natureza age, providenciando sua transferência para o Além. Em outro plano, na vida espiritual e, futuramente, em novo corpo ao reencarnar, enfrentando compulsoriamente situações novas, ele será compelido à renovação.

Reencarnação e desencarnação, com estágios oportunos que se alternam, nos planos físico e espiritual, são autênticos *choques evolutivos*,

indispensáveis no estágio em que nos demoramos.

\*

**T**ambém as religiões envelhecem, na medida em que se prendem ao formalismo, a dogmas inamovíveis que impedem a renovação. E perdem a liderança, substituídas por princípios novos, não comprometidos com o passado.

A mensagem de Jesus poderia ser um desdobramento do judaísmo, dando-lhe um hausto renovador.

Ocorre que o judaísmo estava demasiadamente comprometido com tradições e aspectos exteriores. Impossível assimilar as idéias daquele mensageiro que ensinava que toda a religião está contida no “*amai-vos uns aos outros*” e que Deus deve ser cultuado não em rituais e rezas, mas na intimidade da consciência.

Não dava para costurar o Evangelho no Velho Testamento.

Não havia espaço para sua expansão nos odres arcaicos da cultura mosaica.

\*

**A**ssim como aconteceu com o Evangelho, o Espiritismo poderia ser um desdobramento das religiões ortodoxas, iluminando-as com conceitos novos, mais claros e objetivos a respeito das vidas efêmeras que se sucedem na Terra e da vida em plenitude no Além.

Mas a história se repete.

O Espiritismo rompe tão decisivamente com fantasias, ritos e rezas que se incrustaram na prática religiosa, que não há lugar para ele nos templos e igrejas.

Certas concepções espíritas podem parecer chocantes para os espíritos mais aferrados às tradições.

Não há, por exemplo, nos círculos espiritistas o casamento religioso, cerimônia oficiada por sacerdote.

Para muitos, isso é inconcebível.

Não vai longe o tempo em que se julgava que sem a bênção nupcial não havia legitimidade na união. Pessoas que adotavam apenas o casamento civil viviam em pecado, num autêntico concubinato.

A finalidade do culto, diz a Doutrina Espírita, é a nossa comunhão com o Céu, algo que devemos buscar sem intermediação com ritos e rezas, ofícios e oficiantes, a partir da elevação de nosso sentimento.

Não há, portanto, por que eleger alguém para evocar as bênçãos de Deus no matrimônio. Os próprios noivos devem fazê-lo no círculo íntimo, em oração contrita, habilitando-se a recebê-las com um comportamento evangelizado, a se exprimir em respeito mútuo, compreensão, tolerância e demais valores que sustentam o amor e permitem uma convivência feliz.

Aprendemos com o Espiritismo que devemos buscar não o casamento religioso, mas a **religiosidade no casamento**.

\*

O mesmo ocorre com o batismo, supostamente destinado a reconciliar a criatura com o Criador.

É mera fantasia teológica, história da carochinha, a idéia do pecado original cometido por Adão e Eva, do qual seríamos herdeiros compulsórios.

O pecado original que nos macula **é o mal que há em nós**, o comprometimento com o vício, as tendências inferiores.

Só um tipo de batismo funciona contra ele.

O batismo de fogo a que se refere Jesus, a forja das lutas renovadoras, o empenho pela prática do bem, no processo de nossa redenção.

Isso tudo choca os espíritos mais arraigados à tradição, a ponto de se assustarem. Para o crente tradicional, a criança não batizada inspira assombro.

- É um pagão! Está condenado ao inferno!

A evolução do pensamento humano, o amadurecimento intelectual do homem põem em xeque essas concepções medievais, promovendo o esvaziamento das igrejas.

\*

O que ressalta na lição evangélica é a necessidade de nunca permitirmos que se cristalizem nossas idéias em torno da tradição, do acomodamento, do formalismo.

Usando uma expressão atual, é imperioso que nos reciclemos sempre, receptivos às mudanças, com o empenho permanente de aprender, de buscar novos conhecimentos, de desenvolver nossas potencialidades.

É assim que crescemos.

É assim que não ficamos presos à retaguarda.

É assim que não entramos em ritmo de marcapasso espiritual.

Se permitirmos semelhante estagnação, nada mais teremos a fazer na Terra.

Restará esperar que venha a morte, a nos impor compulsória renovação, marcada por indesejáveis surpresas e inevitáveis sofrimentos. ■

# Lares Cristãos

PASSOS LÍRIO

**G**randes são os tormentos que acicatam a Humanidade.  
Inundações periódicas assolam determinadas regiões.  
Epidemias espalham a desolação.  
Geadas põem a perder lavouras e plantações.  
Secas estorricam o solo e o tornam refratário à manifestação da vida e à presença do Homem.  
Chuvas torrenciais provocam enchentes calamitosas.  
Tempestades ocasionam desabamentos, de lamentáveis conseqüências.  
Desmoraamentos de construções sepultam, vivas, criaturas indefesas e desprevenidas.  
Incêndios reduzem a escombros e cinzas valiosos patrimônios.  
Desastres suscitam vítimas, fazendo-as desaparecer ou inutilizando-as para o resto da vida.  
Acidentes desfiguram, deformam, traumatizam, reduzindo ou anulando capacidades dantes fecundas e realizadoras.  
Naufrágios afogam criaturas de todas as idades.  
Litígios despedaçam corações até então florescentes de sonhos e esperanças.  
Conflitos enlutam famílias inteiras.  
Moléstias ingratas, pertinazes, reduzem corpos a pele e osso, ou transformam-nos em fardos imprestáveis.  
Crises políticas intranqüilizam o povo.  
Distúrbios sociais provocam agitações e desordens.  
Dramas e tragédias passionais são simplesmente chocantes.  
Guerras exterminam indivíduos e coletividades.  
Flagelos de toda natureza semeiam o pânico e tragam vidas.  
Incompreensões, ingratidões, decepções, perseguições, calúnias, homicídios, suicídios, perdas de pessoas amadas são outros tantos aguilhões que nos ferem a alma, ao longo da acidentada trajetória terrena.  
A Humanidade passa por tudo isso.  
As criaturas sentem, na própria carne, experimentam no corpo e na alma a incrustação de acerados espinhos que lhe dilaceram as fibras sensíveis do coração, que as fazem sangrar de dor e verter lágrimas candentes de fundas e indescritíveis agonias.  
O chicote do sofrimento vergasta, inexorável, inflexível, o Espírito encarnado, abrindo-lhe chagas e deixando-lhe cicatrizes.  
Na jornada terrena, estamos sujeitos a todas essas coisas.  
Chegamos a ter a impressão, quase idéia fixa, de que tudo continuará sempre assim, de que nada mudará para melhor.  
No entanto, quando a bênção da meditação nos felicita a mente e fazemos silêncio em nós mesmos, buscando sintonizar com os nossos Maiores

da Espiritualidade, algo nos diz, alguém nos segreda que as adversidades estão sendo rechaçadas dia-a-dia; que os inimigos da felicidade humana foram contidos em sua marcha sinistra; que as misérias e mazelas morais encontraram e encontram muralhas intransponíveis; que o crime vai capitulando, sem possível resistência, hora a hora; que o Mal, abatido e envergonhado, bate em retirada, recuando sempre, fugindo ao avanço do Bem, retraindo-se à incursão da Luz, porque o mundo se acha custodiado por cidadelas inexpugnáveis, que se multiplicam por toda parte, resguardando os seus habitantes de todos os males e perigos, visíveis e invisíveis. São os Lares Cristãos instituídos por milhares de novos casais, quais lâmpadas que se vão acendendo aqui, ali, acolá, alhures, algures, além e por aí a fora, transformando a noite terrena num festivo dia de feéricas claridades.

Os gênios das trevas choram a dor da derrota e se desarvoram, enfurecidos, pelas perdas irreparáveis que lhes são inapelavelmente inflingidas.

Os agentes dos vícios e da degradação entram em colapso e vêem, impotentes e apavorados, a vitória da honra e da dignidade, da compostura e da nobreza, do bom senso e do valor, na intimidade da alma humana.

Os Lares Cristãos encontram-se em franca atividade. Eles representam a defesa da Criatura, a salvação do Homem e a salvaguarda da Sociedade.

Os casais, verdadeiramente cristianizados, se dão as mãos e, irmanados na alegria e na dor, superam todas as dificuldades, transpõem, sempre juntos, ombro a ombro, lado a lado, todos os obstáculos, vencem todas as crises, impõem, enfim, ao meio ambiente onde vivem e atuam, a vitória dos sentimentos acrisolados, da existência dignificada pelo culto ao Dever.

As famílias, genuinamente evangelizadas, dão às suas ambiências domésticas o caráter concentrativo de templos do Senhor, de tabernáculos da Fé, que são indubitáveis pontos de sustentação dos gloriosos destinos do Mundo de hoje e da Terra de amanhã.

Nos recessos das vivendas onde respiram corações afins e identificados com o Cristo, há a presença do Evangelho balizando rumos e norteando vidas, como roteiro invariável de todos os dias e de todas as horas, de todas as situações e de quaisquer circunstâncias.

Estas as cidadelas do mundo que preservam as crianças e os jovens de tudo quanto é pernicioso, para que possam formar a Humanidade venturosa do porvir, elevando a Terra à condição de Céu, pelo muito que aprenderam em proveito próprio e por tudo que souberam fazer em benefício de todos.

Enquanto houver corações cristianizados pulsando no interior de santuários domésticos, os destinos da alma humana estarão sob o signo da Esperança e as promessas de Felicidade se irão transformando em formosas realidades dos dias porvindouros. ■

# Energia Mental

MAURO PAIVA FONSECA

O uso do pensamento na vida humana apresenta três aspectos de fundamental importância, além de outros, menos significativos que não objetivamos abordar.

Para estudar o assunto, indispensável compreender que todos os atos intencionais da via têm origem no pensamento.

## **O PODER REALIZADOR**

O homem primário usa o pensamento apenas para atender ao imediatismo da vida material. Habitou-se com o automatismo da ação pensante, e por isso, mantém-se despreocupado com a importância real da energia que está pondo em atividade quando pensa. Movimenta, assim, forças positivas e negativas que colidem, num entrechoque de marchas e contramarchas, com as quais, ao mesmo tempo cria e anula desejos, projetos e realizações.

O poder realizador da energia mental dependerá sempre da força da vontade e do interesse que lhe sejam imprimidos. Deste modo, a permanência ou não daquilo que ela corporifica do ideal almejado está na razão direta do desejo real de realizar, por isso, enquanto a perseverança mantém viva sua força realizadora, a dúvida tem o poder de destruí-la. Mas o que é a dúvida senão a falta de fé? E o que é a fé senão o fruto do conhecimento? Algumas pessoas distinguem fé cega e fé racioncinada; porém, a chamada fé cega não existe: ninguém poderá ter fé naquilo que desconheça. Na realidade, fé cega é fanatismo! De outro modo, Jesus não teria ensinado: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

Para alcançar o sucesso nos ideais acalentados, há que persistir no objetivo colimado, mantendo vivos na tela mental, tão fortes quanto possível, os detalhes que compõem aquela criação, respaldando-a com palavras e atitudes que confirmem, de modo inequívoco, a intenção de alcançá-lo.

## **SINTONIA COM OS SEMELHANTES**

Vivemos imersos num campo vibratório gerado, não só pelas mentes encarnadas, mas pelas desencarnadas que compõem a coletividade do Orbe. Os dois planos irradiam ininterruptamente energias mentais heterogêneas, que se entrecruzam, entrelaçam e são absorvidas pelas que lhes são afins, ou repelidas pelas que lhes são adversas, gerando um conflito de interesses e intenções, onde cada qual recebe o seu quinhão através da sintonia que estabeleça.

O pensar certo ou errado é fator que está ligado ao nosso grau de conhecimento. Quanto mais aumenta o conhecimento, mais cresce a razão; e a razão é a capacidade de discernirmos o bem do mal, o certo do errado, o elevado do inferior.

Para estarmos a salvo do risco da absorção das forças com características inferiores, será necessário nos habituarmos à disciplina mental, rejeitando os pensamentos de má origem, substituindo-os por outros,

reconhecidamente sadios. A capacidade de distingui-los nos é dada pelo nosso grau de conhecimento; a amplitude do campo intelectual, e a prática da moral, que consiste no mais absoluto respeito aos direitos dos semelhantes, constituirão recursos seguros para nos mantermos fora do alcance de tais energias.

Esta característica de sintonizar-se com mentes afins é que responde pelos processos obsessivos de variada etiologia, em virtude do grande número de mentes desencarnadas ociosas, viciadas e imorais que nos cercam.

## **AGENTE DA SAÚDE OU DA ENFERMIDADE**

Pensando simplesmente, ou expressando este pensamento através de palavras e atos, compomos a atmosfera fluídica que nos é peculiar, também conhecida como psicofera. Ela é a responsável pela absorção das energias que nos alimentam; porém, da mesma maneira que podemos oferecer ao corpo físico tal ou qual tipo de alimentação material, determinando-lhe menor ou maior saúde, também com o corpo espiritual, ou perispírito, acontece o mesmo.

Pela intermediação do sistema de vórtices de força, localizados no duplo etérico, responsáveis pela distribuição das energias que nos alimentam, recebemos, dessa atmosfera fluídica que nos envolve, fluidos valiosos ou danosos à nossa constituição. A natureza dos pensamentos que habitualmente alimentamos constitui-se, assim, no veículo da saúde ou da enfermidade.

Os pensamentos maus, como ciúme, vingança, inveja, cólera, intolerância, inconformação, desespero, e outros tantos dessa natureza, geram em nossa organização intrínseca estados vibratórios venenosos, que penetram a intimidade do perispírito, eclodindo no corpo somático sob a forma de enfermidade de difícil definição pela ciência médica.

Pensamentos de serenidade, mansuetude, humildade, resignação, renúncia, e outros tantos do mesmo teor, mantêm-nos o estado espiritual sadio, resultando uma saúde equilibrada para o corpo material. ■



# A Poesia Mediúnica de Cruz e Souza

## MENSAGEIRO

Abri minhalma para os sofredores  
Na vastidão serena dos Espaços,  
Eu que na Terra tive sempre os braços  
Presos à cruz tantálica das dores

Epopéias de Sons e de Esplendores,  
E os prazeres mais pobres, mais escassos,  
E o mistério dos célicos abraços,  
Dos Perfumes, das Preces e das Cores;

Tudo isso não vejo e vejo apenas  
O turbilhão das lágrimas terrenas  
- Taça imensa de gotas amargosas!

Da piedade e do amor eu trago o círio,  
Para afastar as trevas do martírio  
Do silêncio das noites tenebrosas.

▪

## OUVI-ME

Ó vos que ides marchando, almas sedentas  
De paz, de amor, de luz, sob as maiores  
Desventuras do mundo, sob as dores  
De misérias, batalhas e tormentas...

Também senti as emoções violentas  
Que palpitam nos peitos sonhadores,  
E sustentei, varado de amargores,  
Surdas batalhas, rudes e incruentas.

Também vivi as lágrimas obscuras,  
Iguais às vossas, míseras criaturas,  
Que tombais nos caminhos sem dizê-las!

Exultai, que uma vida eterna e grande,  
Além da morte, esplêndida se expande  
No coração sublime das estrelas!...

(Do livro "Parnaso de Além-Túmulo", psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, págs. 238 e 246, 14ª ed. FEB).

# Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

## Conforto

“Se alguém me serve, siga-me” – **Jesus** (João, 12:26).

Freqüentemente, as organizações religiosas e mormente as espiritistas, na atualidade estão repletas de pessoas ansiosas por um conforto.

De fato, a elevada Doutrina dos Espíritos é a divina expressão do Consolador Prometido. Em suas atividades resplendem caminhos novos para o pensamento humano, cheios de profundas consolações para os dias mais duros.

No entanto, é imprescindível ponderar que não será justo querer alguém confortar-se, sem se dar ao trabalho necessário...

Muitos pedem amparo aos mensageiros do plano invisível; mas como recebê-lo, se chegaram ao cúmulo de abandonar-se ao sabor da ventania impetuosa que sopra, de rijo, nos resvaladouros dos caminhos?

Conforto espiritual não é como o pão do mundo, que passa, mecanicamente, de mão em mão, para saciar a fome do corpo, mas, sim, como o Sol, que é o mesmo para todos, penetrando, porém, somente nos lugares onde não se haja feito um reduto fechado para as sombras.

Os discípulos de Jesus podem referir-se às suas necessidades de conforto. Isso é natural. Todavia, antes disso, necessitam saber se estão servindo ao Mestre e seguindo-o . O Cristo nunca faltou às suas promessas. Seu reino divino se ergue sobre consolações imortais; mas, para atingi-lo, faz-se necessário seguir-lhe os passos e ninguém ignora qual foi o caminho de Jesus nas pedras deste mundo.

---

(Do livro “Caminho, Verdade e Vida”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 11, p. 37-38, 18. Ed. FEB)

# Gabriel Delanne – Médium aos Oito Anos

SUELY CALDAS SCHUBERT

Sob o título *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão*, narra o insigne Codificador um dos mais lindos casos da coleção da *Revista Espírita*.

A singeleza do episódio, a naturalidade com que tudo acontece e, especialmente, o eloqüente atestado da precoce maturidade de Gabriel Delanne, o protagonista, tornam a leitura deste caso bastante comovedora.

A maneira como Kardec o registra, com minúcias, leva-nos a criar mentalmente a cena inusitada.

Convido o leitor a abrir a *Revista Espírita*, ano de 1865, em outubro, se a tiver em sua biblioteca, para fazermos juntos essa viagem tão grata.

O mestre lionês inicia citando que o Sr. Alexandre Delanne, já conhecido dos leitores da Revista, tem um filho de oito anos, Gabriel, e que este a todo instante ouve falar do Espiritismo em sua família. Ressalta que o garoto se iniciou cedo na Doutrina e “surpreende pela justeza com que raciocina os seus princípios”. Mas, Kardec acrescenta que afinal de contas isto nada tem de surpreendente, “pois é apenas o eco das idéias com que foi embalado”.

Gabriel, por várias vezes assistiu às sessões mediúnicas presididas por seu pai, que as dirigia com perfeita ordem, com método e recolhimento.

Certa vez, o menino se achava em casa de um conhecido, brincando com a priminha de cinco anos e mais dois meninos, um de sete e outro de quatro anos. A senhora que residia no térreo chamou-os e ofereceu-lhes bombons e convidou-os a entrar em sua casa, ao que as crianças atenderam. Estabeleceu-se entre ela e o filho do Sr. Delanne o seguinte diálogo:

- Como te chamas, meu filho?
- Eu me chamo Gabriel, senhora.
- Que faz teu pai?
- Senhora, meu pai é espírita.
- Não conheço esta profissão.
- Mas, senhora, não é uma profissão; meu pai não é pago para isto, ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens.
- Meu rapazinho, não sei o que queres dizer...
- Como! Jamais ouvistes falar das mesas girantes?
- Então, meu amigo, bem gostaria que teu pai estivesse aqui para as fazer girar.
- É inútil, senhora, eu tenho, eu mesmo, o poder de as fazer girar.
- Então queres experimentar e me fazer ver como se procede?
- De boa vontade, senhora.

O menino e seus coleguinhas sentam-se ao redor da mesa, pondo as mãos em cima. Gabriel faz uma evocação, em tom muito sério e com recolhimento. Para surpresa geral a mesa moveu-se e bateu com força. A pedido do menino, a dona da casa pergunta quem está ali e a mesa soletra: teu pai.

A senhora, muito emocionada, passa a interrogá-lo a respeito de uma

carta que acabara de escrever. Pede provas de que era mesmo o pai propondo questões íntimas e todas as respostas foram corretas. As revelações foram demais e ela não consegue prosseguir, dominada pela emoção.

Kardec extrai a seguir algumas conclusões desta caso: a autenticidade, a questão da mediunidade nas crianças e a realização das palavras proféticas “vossos filhos e vossas filhas profetizarão”.

Por nosso lado surgem também algumas reflexões em torno desse lindo caso de Gabriel Delanne.

É oportuno, antes de prosseguirmos, apresentar aos leitores algumas informações acerca da vida desse menino, que conheceu o Codificador do Espiritismo e com ele conviveu.

Nasceu Gabriel Delanne em Paris, a 23 de março de 1857, filho de Alexandre Delanne e da Sra. Marie-Alexandrine Didelot Delanne. Seu pai era amigo e colaborador de Kardec e sua mãe possuía excelentes dotes mediúnicos. Gabriel tornou-se, quando adulto, engenheiro eletricitista.

Ao contar suas lembranças infantis, Gabriel menciona que, certa vez, Kardec, pondo-o sobre os joelhos, abraçou-o e profetizou que ele seria “um sacerdote do Espiritismo”, ao que Gabriel esclareceu: “Não fui bem um ‘sacerdote’, mas tenho a presunção de que fiz o possível em minhas forças para bem servir à Doutrina, no setor que me coube.” (...) “Nada tenho dilatado. Tudo que há, é de Kardec. Apenas tenho feito constatações”(…)

Na realidade Gabriel Delanne foi o “gigante do Espiritismo científico”, na feliz expressão do escritor Sylvio Brito Soares, de cujo artigo extraímos os dados biográficos. <sup>1</sup>

A obra literária de Delanne apresenta o resultado de suas pesquisas. São fatos investigados e confirmados. Citamos: “O Espiritismo perante a Ciência” (1885); “O Fenômeno Espírita” (1893); “A Evolução Anímica” (1895); “Pesquisas sobre a Mediunidade” (1898); “A Alma é Imortal” (1899) e, por último, “A Reencarnação” (1925).

Gabriel Delanne desencarnou em 15 de fevereiro de 1926. Cinco meses antes, em setembro de 1925, quando da realização do Congresso Espírita Internacional, ao ser lido o discurso de Delanne, este surpreende os psiquistas de vários países com suas palavras iniciais: “Roguemos para os nossos trabalhos a bênção divina, pois que é nela que reside todo o poder, toda ciência, toda justiça, toda bondade e todo amor”.

\*

Interessante assinalar que não se tem notícia de que Delanne haja prosseguido na prática mediúnica. É que a sua missão tinha como finalidade dar uma importante contribuição na área científica, e aquele era o momento certo para isso. Neste caso, a mediunidade, sendo canalizada para uma outra forma de atuação, torna-se intuitiva.

Delanne era espírita convicto, de formação científica, apto, portanto, a enveredar pelos campos da Ciência, onde iria realizar, através de suas pesquisas, a comprovação das teorias espíritas. O que ele realmente fez, com total dedicação, no intuito de evidenciar o aspecto científico do Espiritismo.

Assim, no seu primeiro livro, “O Espiritismo Perante a Ciência”, apresenta alguns dos princípios básicos da Doutrina Espírita, confrontando-os com as respectivas afirmativas científicas em áreas correspondentes, e além de

comprová-los evidencia que transcendem esses parâmetros. As suas obras subsequentes seguem a mesma linha, num importante trabalho que hoje, um século depois, ainda é bastante valioso para os que se propõem a estudar o Espiritismo, causando-nos profunda admiração e respeito por esse fiel colaborador de Allan Kardec.

Não se deve, todavia, inferir do episódio mediúnic o de Gabriel Delanne, aos oito anos, que seja esse um exemplo a ser seguido e que se dava incentivar o desenvolvimento da faculdade em crianças, mesmo aquelas que apresentem natural e espontânea propensão mediúnica. Existem aqui alguns pontos a considerar. Inicialmente, examinemos o capítulo XVIII de “O Livro dos Médiuns” – *Inconvenientes e Perigos da Mediunidade* -, cujo título por si só é um chamado de alerta. É exatamente aí que Kardec insere a questão da mediunidade infantil.

Vejamos o que dizem os Instrutores Espirituais Erasto e Timóteo, sobre o assunto, proposto pelo Codificador.

No item 221, 6ª questão, ele pergunta:

“Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças?”

“Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que esses organismos débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobreexcitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas idéias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das conseqüências morais.”

Kardec comenta no item 222:

“A prática do Espiritismo, como veremos mais adiante, demanda muito tato, para a inutilização das tramas dos espíritos enganadores. Se estes iludem a homens feitos, claro é que a infância e a juventude mais expostas se acham a ser vítimas deles.”

Explica ainda que as crianças podem fazer disto uma brincadeira.

“Por aí se vê [prosegue] que a questão de idade está subordinada às circunstâncias, assim de temperamento, como de caráter”.

O mestre lionês, insistindo no tema, argumenta que existem crianças que são médiuns naturais, perguntando se isto apresentaria algum inconveniente. Os Benfeitores Espirituais esclarecem que não, que se a faculdade se mostra espontaneamente é que a natureza da criança se presta a isto, tanto é que ela não se impressiona, pois tudo lhe é natural e logo se esquece do fato.

Depreende-se que o desenvolvimento e o exercício da mediunidade é que não devem ser tentados ou provocados, pois causariam danos de ordem psicológica ou outra qualquer, dependendo da criança e de sua formação.

Com Gabriel Delanne o ocorrido foi resultado de um impulso espontâneo, do seu desejo de evidenciar para aquela amável senhora a realidade do Espiritismo e do intercâmbio com os Espíritos. Deve-se levar em conta o mérito dela, pois Delanne, certamente, agiu sob inspiração do Alto, a fim de atender a uma circunstância previamente programada. Outro aspecto fundamental é a precoce maturidade espiritual do menino, que Kardec intuiu, ao prever que ele se tornaria “um sacerdote do Espiritismo”, querendo dizer que Delanne dedicaria a sua vida à causa espírita, de forma abnegada, como um verdadeiro sacerdócio. O que de fato aconteceu.

A lógica argumentação deste autêntico missionário da Terceira Revelação ressalta de cada um de seus livros, referendada, como é óbvio, pelas pesquisas que empreendeu, o que lhe assegura a credibilidade. São atualíssimas as suas conclusões filosóficas, resultantes de fatos comprovados,

tal como agiu Allan Kardec em relação à Codificação.

Conheçamos um pouco do pensamento de Gabriel Delanne, em alguns trechos, quando ele disserta com beleza e propriedade:

“Que nova luz traz o Espiritismo! Não há mais dolorosas incertezas sobre o nosso futuro; o além misterioso, velado sob as ficções das religiões aparece-nos em toda sua realidade. Não mais inferno, não mais céu, mas a continuação da vida que prossegue no tempo e no espaço, eterna como tudo que existe. A perene ascensão para destinos sempre mais elevados, eis a verdadeira felicidade. (...)”

Não há mais dogmas, não há mais coisas incompreensíveis, senão uma harmonia sublime que se revela nos melhores detalhes dessa imensa máquina que se chama Universo! E a satisfação profunda por perceber qual é, em suma, a nossa finalidade na Terra é o resultado do estudo atento das manifestações espíritas.”<sup>2</sup>

Ele explana acerca de dois pontos básicos do Espiritismo, sendo o primeiro deles a existência de Deus e afirma que nEle se resumem todas as perfeições, levadas ao infinito. E ressalta:

“Foi-se o tempo em que se concebia Deus como potência implacável e vingadora, condenando eternamente o homem pela falta de um momento. (...)”

O Deus que compreendemos é a infinita grandeza, o infinito poder, a infinita bondade, a infinita justiça! É a iniciativa criadora por excelência, a força incalculável, a harmonia universal! (...) Deus é a vida imensa, eterna, indefinível, (...)”

O segundo ponto básico é a existência da alma e ele esclarece que o Espiritismo ensina que Deus fez todos os espíritos iguais e os dotou de iguais faculdades para chegarem ao mesmo fim – a felicidade:

“É o eu consciente que adquire, por sua vontade [esclarece], todas as ciências e todas as virtudes, que lhe são indispensáveis para elevar-se na escala dos seres. (...) Longe de considerar-nos como os habitantes exclusivos do pequeno Globo, o Espiritismo demonstra que devemos ser os cidadãos do Universo.”

“Nossa filosofia enriquece o coração; ela considera os infelizes, os deserdados do mundo como irmãos a quem devemos socorrer. (...) O Espiritismo destrói completamente o egoísmo. (...) É pelo auxílio mútuo que adquirimos as virtudes indispensáveis ao nosso adiantamento espiritual.”

Delanne enfatiza que a Doutrina é progressiva e se baseia na revelação dos Espíritos, e que esta é gradativa.

Deixemos com esse fiel continuador de Kardec a palavra final:

“A ciência espírita tem um fim mais nobre, mais grandioso, seu principal objetivo é demonstrar a existência da alma, depois da morte; alcançasse somente esse resultado, e as conseqüências daí decorrentes, sob o ponto de vista moral e social, seriam já consideráveis. Mas não se limitam a isso seus benefícios. Ela nos fornece informações seguras sobre a outra vida, permite-nos compreender a bondade e a justiça de Deus, dá-nos a explicação de nossa existência na Terra, numa palavra, é a ciência da alma e de seu destino”. ■

1. REFORMADOR, dezembro de 1977, p. 379.

2. “O Espiritismo Perante a Ciência”, 3ª ed.revista, FEB.

# A Morte Social

LUCY DIAS RAMOS

Entidades religiosas e filantrópicas tentam amenizar os padecimentos de nossos irmãos excluídos que sofrem situações graves de abandono e miséria moral. Entretanto, ainda é muito pouco o interesse e a conscientização da sociedade em torno destes graves problemas sociais, principalmente daqueles que agem com indiferença como se a dor ou um caso análogo não pudesse acontecer com um ente querido ou consigo mesmo.

Não podemos subestimar o quadro atual em que se apresenta o grande número de pessoas de todas as classes sociais, dependentes de drogas. A toxicomania atinge números alarmantes, principalmente entre os adolescentes. A imprensa registra todos os dias a preocupação de pais e professores com o tráfico de drogas nas proximidades das escolas.

Muitos sabem e receiam apontar responsáveis.

Como lutar contra tal calamidade?

O que se pode fazer ante o poder dos que propagam o uso das drogas e se enriquecem destruindo vidas?

Não é tarefa fácil a erradicação da toxicomania. Conscientizar a cada um deste grave mal social e levá-lo a uma postura ética e responsável demanda tempo e nem todos estão preparados para enfrentar este grave problema.

Diz-nos Camillo, através da psicografia de Raul Teixeira:

“Só a educação tem o poder de transformar esta caótica situação pelo motivo de que se torna impossível manter uma guarda permanente junto a cada lar ou a cada pessoa, sabendo que as drogas, nas suas multifaces, não penetrado o convívio doméstico, arrebatando aí os familiares desprevenidos ou profundamente perturbados, da percepção ingênua, desatenta ou indiferente daqueles que deveriam ser seus guardiães.”

Compreendendo que a toxicomania se instala, principalmente nas almas enfermas, frágeis, atormentadas por conflitos, trazendo de outras vidas o condicionamento que facilita o processo de dependência física e psíquica de alcoólicos e outras drogas, reconhecemos o valor da educação moral e evangelização do ser desde a infância, como profilaxia indispensável.

Antes que a morte social segregue e aniquile o irmão que se perdeu nos labirintos do vício, há de se pensar e buscar o apoio fraterno, a ajuda médica e psicológica, tentando reerguê-lo e induzi-lo a uma opção de vida mais digna.

É dever de todos nós.

Somente a educação moral levará o indivíduo à conquista do discernimento que resultará na aquisição da consciência ética, liberando-o dos condicionamentos deprimentes e subjugadores, ampliando sua capacidade de distinguir o bem e o mal, ampliando sua visão em torno do que lhe acontece no campo da alma enferma e dando-lhe condições de lutar contra os vícios morais que o prendem como algemas cruéis impedindo-o de ser feliz.

A Doutrina Espírita nos leva a cuidar do ser em seu dualismo – espírito e matéria – reconhecendo na toxicomania a influência de mentes desencarnadas, o que requer uma mudança real e profunda dos conteúdos psíquicos do encarnado.

Ensina Joanna de Ângelis (“O ser consciente”):

“Na psicoterapia espírita, o conhecimento da sobrevivência e do inter-relacionamento entre os seres das duas esferas – física e espiritual – oferece processos liberativos centrados sempre na transformação moral do paciente, sua renovação interior e suas ações edificantes, que facultam o discernimento entre o certo e o errado, propiciando a transferência para o nível superior, no qual se torna inaccessível a indução perversa.”

Com esse pensamento, a Benfeitora mostra-nos que para a libertação dos que são submetidos à ação perniciosa das drogas é indispensável a ajuda psicológica e a terapia médica, aliadas ao desejo sincero do indivíduo de se libertar conscientemente do vício, o que só consegue com penosos esforços e mudanças radicais em seu relacionamento familiar e social.

Reconhecemos ser muito difícil esta luta íntima. Ninguém deverá enfrentá-la sozinho. Além do esforço individual que compete a cada um, o drogado deverá ser tratado tanto física como espiritualmente para poder vencer realmente a dependência, e encaminhado, sempre que possível, aos grupos de apoio onde terá outros companheiros incursos no mesmo problema, buscando as mesmas soluções. Ele não se sentirá abandonado e terá mais chances de vencer.

Procurando direcionar nosso pensamento para as melhores soluções no combate às drogas, o benfeitor espiritual Camillo nos aconselha:

“Nenhum processo de toxicomania está dissociado dos processos das almas enfermas. Espíritos sadios não se deixam embair pelas drogas. E somente o esforço pelo autoconhecimento e a busca do Cristo no cerne da alma, no empenho de higienizar a intimidade, é que predisporão cada ser para a anelada libertação, para os formosos tempos de verdadeira liberdade e integração na Vida Cósmica sem pavores ou inseguranças, com alegria real, no campo de luz que Deus reserva aos que se superam a si mesmos”.

Somente a educação do espírito libertará o homem dos condicionamentos que o perturbam, mostrando-lhe o sentido real da existência terrena em sua transitoriedade e os objetivos redentores a que estamos todos vinculados no processo da evolução moral.

Recordando sempre que somente sofreremos e somos infelizes quando lesamos a lei, natural ou divina, busquemos em nossa consciência ética o melhor caminho para a conquista da paz e da felicidade. ■



# FEB/CFN – Comissões Regionais

## Reunião da Comissão Regional Norte

A Comissão Regional Norte do Conselho Federativo Nacional da FEB realizou em Belém, capital do Pará, na sede da União Espírita Paraense, sua Reunião Ordinária deste ano, de 4 a 6 de junho, com a participação das seguintes Federativas Estaduais: Federação Espírita do Estado do Acre (5 participantes); Federação Espírita do Amapá (8); Federação Espírita Amazonense (12); União Espírita Paraense (20); Federação Espírita de Rondônia (7), justificando a ausência a Federação Espírita Roraimense. Compareceu, também, o Coordenador da Comissão Executiva do 1º Congresso Espírita Brasileiro, Weimar Muniz de Oliveira.

Integraram a delegação da Federação Espírita Brasileira: os Vice-Presidentes Nestor João Masotti, Coordenador das Comissões Regionais, e Altivo Ferreira, Assessor; os Diretores: José Carlos da Silva Silveira e Marta Antunes de Oliveira Moura; o Secretário da Comissão Regional Norte, Alberto Ribeiro de Almeida; o Assessor de Comunicação Social, Merhy Seba; e as colaboradoras Maria Túlia Bertoni, Maria Euny Herrera Masotti e Sandra Maria Borba Pereira.

### **CINQUENTENÁRIO DO PACTO ÁUREO**

A abertura da Reunião ocorreu na noite de 4 de junho, com uma Sessão Comemorativa do Cinquentenário do Pacto Áureo. Após a apresentação do Coral composto por jovens da Mocidade do Centro Espírita Ivon Costa, o Presidente da Entidade anfitriã, Jonas da Costa Barbosa, deu as boas-vindas aos representantes das Federativas da Região Norte e ressaltou o significado daquela solenidade, passando a palavra ao Coordenador Nestor João Masotti, que destacou a importância do trabalho da Comissão Regional e mostrou aos presentes o cartaz alusivo ao Cinquentenário do Pacto Áureo. A palestra comemorativa foi proferida por Altivo Ferreira, cuja exposição abrangeu as origens, o significado e os resultados do Pacto Áureo – Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro –, assinado na sede da FEB, no Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1949.

### **DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS**

A Reunião Geral teve início na manhã do dia 5, com a apresentação de todos os participantes, quando o Coordenador prestou esclarecimentos gerais sobre as atividades que se desenvolveriam na Reunião dos Dirigentes e nas reuniões das Áreas específicas.

### **REUNIÃO DOS DIRIGENTES**

Participaram dessa Reunião: pela FEB – Nestor João Masotti (Coordenador) e Altivo Ferreira (Assessor); pelas Federativas Estaduais: Acre: José Furtado de Medeiros (FEEAC, Representante, uma vez que a Presidente, Gasparina dos Anjos de Jesus, iria participar da Área da Mediunidade); Amapá: Luiz Gonzaga Pereira de Souza (FEAP, Presidente); Amazonas: Dori Vânia da

Costa Cunha (FEA, Presidente); Pará: Jonas da Costa Barbosa (UEP, Presidente); Rondônia: Pedro Barbosa Neto (FERO, Presidente), além de vários assessores.

Após a leitura e aprovação da Ata da reunião de 1998, passou-se à avaliação dos trabalhos decorrentes dos assuntos tratados na reunião anterior – “Avaliação e Dinamização do Trabalho de Unificação – conscientização e prática”- e, como havia íntima relação deste com o tema próprio da reunião – “Avaliação do trabalho federativo com base no documento *Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas*, constante no opúsculo Orientação ao Centro Espírita”-, as duas matérias passaram a ser tratadas conjuntamente. Os dirigentes das Federativas fizeram minuciosos relatos das atividades desenvolvidas no período de junho/98 a maio/99, verificando-se que em toda a Região foi dada grande ênfase à Unificação e ao trabalho federativo, principalmente quanto à preparação de trabalhadores para as Entidades Federativas e as Casas Espíritas, com a realização, em cada Estado, de seminários, encontros, cursos, e visitas de trabalho e confraternização com Instituições Espíritas da Capital e do Interior. Houve a preocupação de adaptar a estrutura organizacional das Federativas às necessidades e exigências do Movimento Espírita estadual, e dar especial destaque à divulgação do Livro Espírita através de Feiras em lugares públicos e de Livrarias nos Centros Espíritas. Dentre os documentos distribuídos pelas Federativas, merece referência a coleção de cinco apostilas sobre Unificação e Preparação de trabalhadores espíritas elaboradas pela Federação Espírita Amazonense . A próxima reunião será realizada em Porto Velho, Rondônia, no período de 2 a 4 de junho do ano 2000, com o assunto: “Como operacionalizar em toda a sua abrangência o trabalho das Entidades Federativas”.

O Coordenador da Comissão Executiva do 1º Congresso Espírita Brasileiro, Weimar Muniz de Oliveira, informou sobre o desenvolvimento dos trabalhos preparatórios e distribuiu cartazes e *folders* do evento, que a Federação Espírita do Estado de Goiás realizará, em Goiânia, sob a promoção da Federação Espírita Brasileira, no período de 1º a 3 de outubro deste ano.

## **SESSÃO PLENÁRIA**

A Reunião Geral reiniciou-se no domingo (dia 6) pela manhã, com a sessão plenária de encerramento dos trabalhos, quando os coordenadores das seguintes Áreas específicas apresentaram os relatórios de suas reuniões:

a) Área da Atividade Mediúnica e do Atendimento Espiritual na Casa Espírita, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com a colaboração de Maria Euny Herrera Masotti. Assuntos tratados: 1. Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas nessa Área; 2. Avaliação da metodologia e do conceito programático da apostila ‘Iniciação Mediúnica’, da FEB. Assuntos para a próxima reunião: 1. Aprovação do Projeto de Organização e Funcionamento da reunião de Assistência Espiritual; 2. Apresentação do modelo de Tratamento Espiritual pelas Federativas do Amapá, Amazonas e Pará.

b) Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba. Assuntos tratados: 1. Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas na CSE; 2. Campanha de Divulgação do Espiritismo: implementação e desenvolvimento nos Estados; 3. Reapresentação do Projeto SACIAR – Análise e implementação da organização da Área de Comunicação Social Espírita na Federativa e nos Centros Espíritas. Assuntos para a próxima

reunião: 1. Planejamento estratégico situacional dirigido à Comunicação Social Espírita; 2. Comunicação de massa e sua relação com a comunicação doutrinária espírita.

c) Área do Estado Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Maria Túlia Bertoni. Assuntos tratados: 1. Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas pelo ESDE; 2. Contribuição do ESDE no trabalho de Unificação do Movimento Espírita. Assunto para a próxima reunião: Estratégias para dinamização do ESDE: a) Capacitação do Coordenador/Monitor; b) Integração do ESDE com os Departamentos da Federativa Estadual.

d) Área da Infância e Juventude, coordenada por Sandra Maria Borba Pereira, na ausência justificada da Diretora do DIJ/FEB, Rute Ribeiro. Assuntos tratados: 1. Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas na Área do DIJ; 2. Análise das estratégias desenvolvidas pelas Federativas para o fortalecimento dos vínculos afetivos entre os trabalhadores da Área de Evangelização e os demais Departamentos. Assuntos para a próxima reunião: 1. Análise dos resultados das estratégias utilizadas para o desenvolvimento dos vínculos afetivos entre os trabalhadores da Área de Evangelização; 2. Definição de Diretrizes com enfoque no apoio às Casas Espíritas para implantação do trabalho de Evangelização Infanto-Juvenil.

e) Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira. Assuntos tratados: 1. Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas pelo SAPSE; 2. Metodologia de Ação do SAPSE e Cadastro de Entidades e Atividades do SAPSE;. Assunto para a próxima reunião: "Metodologia do SAPSE e Experiências Significativas.

O Coordenador fez referência aos principais assuntos tratados na Reunião dos Dirigentes e concedeu a palavra ao Coordenador do 1º CEB e aos representantes das Federativas para as considerações finais e despedidas. Em seguida agradeceu, em nome da equipe da FEB, a acolhida fraterna da UEP e seus colaboradores, encerrando os trabalhos após a prece proferida pelo Presidente da Federativa anfitriã. ■

# Política e Religiosidade

INALDO LACERDA LIMA

Nosso interesse por política (não pela política...) do ponto de vista de *estudo* veio, há muito tempo, quando, já residindo em Brasília, nos caiu às mãos o livro “Tratado da Política” do filósofo Aristóteles (384-322 A.C.), que embora sendo pequeno não merece o qualificativo, ainda que carinhoso, de livrinho. Não em absoluto: trata-se de uma grandiosa obra do pensamento humano!

Nesse livro, o genial discípulo de Platão, que foi também – não esqueçamos – o notável educador de Alexandre Magno, fala-nos de tudo o que é preciso ser conhecido dos homens de seu tempo e do futuro. Entre muitas coisas, fala-nos da finalidade e função do Estado, fala-nos dos governos e da ação de bem governar, fala-nos da crítica das monarquias, da crítica das repúblicas, das leis, da propriedade e, sobretudo, do papel dos políticos.

Estudando o pensamento de Aristóteles, começamos a fazer comparações entre o que ele pensava a respeito de política (ele que escrevera muito antes da vinda do Cristo!) e tudo o que nos é dado observar, hoje, na conduta pública dos políticos, depois de tantos séculos de evolução e de quase dois milênios de Cristianismo. E isto nos entristece amargamente. Chegamos mesmo a quase emitir um pensamento *herético*: Meu Deus, não houve evolução nenhuma nessa área do desenvolvimento social da Humanidade!... Arrependido, parece-nos ouvir do fundo da consciência uma voz a nos dizer: - *E você já observou a conduta de alguns companheiros nossos no recesso das Casas Espíritas a conduta política deles?...*

Detestávamos política exatamente em face da conduta dos políticos. E verificamos, obviamente, que uma coisa é ciência política e outra coisa são as conseqüências da ignorância e da má-fé do homem no exercício da política.

Tem que haver política, que é *vivência do homem* em função do bem-estar social. Política (do grego *pólis=cidade*) é, por isso mesmo, a ciência do bem-estar social. Aristóteles dizia: “Ela compreende e é responsável pelo bem-estar dos cidadãos, como dever do Estado e com a responsabilidade também deles.” Isto é: saberem votar!

Estamos às portas do Terceiro Milênio, que se nos afigura, em face das diversas profecias, inclusive do Apocalipse (Cap. XX, vv. 1 e 2), o milênio da regeneração da Humanidade.

E conforme depreendemos, principalmente dos capítulos VI e XX de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, o Cristo deve contar com os espíritas para a efetiva implantação da Era Nova do Espírito neste planeta, que deverá deixar de ser de *expições e provas*, para tornar-se *mundo de regeneração*, mudando assim, de categoria evolutiva.

Todavia, e se os espíritas não se unificarem, integrando-se todos na condição de trabalhadores da última hora? E se persistirmos numa conduta *política* de separatismos, de incompreensões, de perda de tempo na discussão de coisas que, por involução, temos dificuldade de intuir e entender, *dando aos que nos observam de fora um lamentável exemplo de desunião*? Será que não estaremos, embora bem-intencionados, *causando dano à obra do Senhor*, conforme nos adverte o *Espírito de Verdade*?... ■

## *Retificando...*

Retificações a serem feitas nos textos abaixo:

1. *FEB/CFN – Súmula da Reunião Ordinária de novembro de 1998* :  
Na página 219 da edição de julho/99, a legenda da foto dos Representantes da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo deve ser corrigida para: Éder Fávaro, Presidente da ABRADE (Direita); Marcus Vinícius Ferraz Pacheco, Assessor (Esquerda).

2. *Balada de Um Feto* (edição de julho/99, página 206): Os versos corretos na 5ª estrofe são:

Mas para que mãe seu filho não é um menino Jesus,  
carregado dia e noite, quase de encontro ao peito?

•

# A FEB e o Esperanto

## Revelando um Mistério

ISMAEL GOMES BRAGA

**B**iógrafos de Zamenhof dizem que ele acertava por intuição, por uma espécie de ciência infusa que sua genialidade possuía, porque ele não tinha ciência para elaborar o Esperanto quando era ainda um simples adolescente.

Outro mistério inexplicável de um ponto de vista puramente materialista foi o aparecimento de numerosas pessoas que “adivinharam” o Esperanto num tempo em que não existiam livros nem mestres para ensiná-lo. Dois anos depois de haver publicado a primeira brochura de propaganda da idéia, brochura na qual apenas 12 páginas eram consagradas ao ensino do idioma, Zamenhof publicou uma lista de mil pessoas que sabiam o Esperanto, nele se correspondiam, e deu os endereços para pô-las em relações umas com as outras. Essa lista foi sempre crescendo até atingir muitos milhares de esperantistas, e dentre eles saíram brilhantes poetas e prosadores que se tornaram os clássicos da língua.

Como essa gente pôde aprender uma língua que ninguém falava, na qual não existiam livros suficientes para o estudo?

Agora, em 19 de janeiro de 1959, o Espírito Francisco Valdomiro Lorenz deu longa mensagem pelo médium Francisco Cândido Xavier, na qual se projeta luz sobre esses mistérios.

O Esperanto já existia no mundo espiritual próximo da Terra e funcionava como língua internacional entre os núcleos espirituais de línguas nacionais diferentes. Zamenhof e seus primeiros colaboradores já sabiam a língua antes de nascerem e encarnaram-se em diversos pontos do Planeta para estabelecer aqui esse instrumento de compreensão internacional. Ao lerem a primeira brochura do mestre aqueles iniciados “adivinhavam” o que ainda não tinha sido publicado e iam desde logo usando a língua, correspondendo-se uns com os outros e criando a primeira literatura esperantista que houve no mundo.

Todas as numerosas tentativas feitas antes e depois de Zamenhof falharam completamente, porque não tinham raízes no mundo espiritual, eram puramente terrenas e não tiveram aceitação. Todas as campanhas contra o Esperanto, algumas de governos onipotentes como os de Hitler e Stalin, foram incapazes de impedir a evolução do Esperanto, apenas lhe eclipsaram o brilho por alguns anos.

Igualmente os descobridores da aviação, da eletricidade, do rádio, do cinema, do fonógrafo, etc. já conheciam em outras esferas essas coisas e no tempo oportuno vieram encarnar-se na superfície da Terra para impulsionar o progresso humano, ensinando os homens a empregar forças que eles sempre possuíam sem saber utilizar.

Quer no plano puramente espiritual, quer em outros planetas, existem humanidades muito mais velhas e adiantadas do que nós e que, generosamente, nos ajudam a aproveitar seus ensinamentos quando encontram em nós a evolução necessária. ■

(Transcrito da revista *A Reencarnação*, coleção de 1959).

## Trovas do Além

Toda bondade mais simples,  
Sincera, nobre, leal,  
Ajuda na construção  
Do reino celestial.

Quem ajuda sem cessar,  
Cada hora, todo o dia,  
Está cumprindo a Vontade  
Da Eterna Sabedoria.

MEIMEI

---

(Do livro "Pai Nosso"- Edição em português da FEB e em Esperanto ("Patro Nia"), da Spirita Eldona Societo F. V. Lorenz).

# A Religião Espírita

SILVIO SENO CHIBENI

O presente artigo examina algumas questões ligadas ao aspecto religioso do Espiritismo, que apesar de ter sido lucidamente abordado por Kardec ainda é objeto de discussão em alguns setores do movimento espírita <sup>1</sup>.

*Questões:*

a) *Dentro dos conceitos atuais da ciência e da filosofia, como poderíamos classificar o Espiritismo? O que lhe parece a clássica apresentação do Espiritismo como uma doutrina de conseqüências científicas, filosóficas e religiosas?*

b) *Considerando essa forma de apresentar a doutrina, segundo seus aspectos básicos, qual seria a diferença entre dizer-se “conseqüências religiosas” e “conseqüências morais”?*

c) *NO GEAE (Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo) tem-se discutido a aplicação da designação de religião para o Espiritismo; aparentemente, não há divergências quanto à sua classificação como ciência e filosofia. Segundo a filosofia, o que caracteriza uma religião? Quais os limites entre ciência, filosofia, moral e religião? O Espiritismo é uma religião?*

*Respostas:*

A perspectiva para a compreensão do Espiritismo apontada no item (a) parece-me correta, desde que se mude um pouco a forma de expressão. Dizer que ele é uma doutrina “de conseqüências” científicas, filosóficas e morais implica considerá-lo como uma *quarta* coisa, da qual decorreriam essas conseqüências. Na verdade, poderíamos afirmar que ele constitui uma ciência associada a uma filosofia e a um sistema moral, ou, mudando a ênfase, uma filosofia com bases científicas e implicações morais.

Quanto aos itens (b) e (c), cumpre lembrar inicialmente que a moral (ou ética) é uma das áreas da filosofia, investigada com atenção por filósofos de todas as épocas, desde a Grécia Antiga até nossos dias. De modo muito simplificado, poderíamos defini-la como o estudo do bem e do mal. Seu problema fundamental é o estabelecimento de critérios pelos quais se possam distinguir as ações em boas e más, certas e erradas, ou, sob outro ângulo, avaliar criticamente os critérios propostos para tal fim pelas diferentes religiões, ideologias, sistemas políticos, etc.

Nunca houve uma sociedade humana civilizada totalmente destituída de códigos morais que estabelecessem limites para as ações dos indivíduos. Nos primórdios da civilização tais códigos usualmente baseavam-se nas concepções religiosas vigentes, a seu turno amplamente dependentes do ensino de indivíduos considerados especiais, tais como profetas, pitonisas, gurus, etc. Tais pessoas muitas vezes alegavam dispor de meios incomuns, sobrenaturais, de comunicação com a própria Divindade ou divindades; suas doutrinas eram, pois, tidas como “revelações”.



Especialmente a partir do Renascimento (séculos XV e XVI), a autoridade moral das religiões estabelecidas em tais bases começou a ser mais e mais questionada. O movimento intelectual de valorização das faculdades cognitivas naturais – a razão e a observação – encontrou terreno preparado pelas fragilidades teóricas do revelacionismo religioso que, ademais, havia tantas vezes convido, legitimado ou participado diretamente de ações em franco desacordo com um certo sentido ético natural do ser humano (discriminações, perseguições, torturas, assassinatos, etc).

Sob a influência vigorosa de grandes filósofos do período moderno, entre os quais cumpre destacar o inglês John Locke (1632-1704), as legislações civis dos povos mais esclarecidos foram se dissociando dos sistemas religiosos, quaisquer que fossem. Pontos altos desse processo foram, por exemplo, as revoluções inglesa (1688) e francesa (1789), e a assinatura da Constituição Americana (1789). Em todos esses episódios, os códigos de direitos e deveres dos cidadãos resultaram de deliberações e acordos tácitos ou explícitos de grupos laicos. Os filósofos acadêmicos modernos desenvolveram seus estudos éticos sob perspectivas diversas e nem sempre compatíveis umas com as outras, mas que em geral excluem consciente e explicitamente quaisquer fundamentos religiosos, teológicos ou místicos.

A moral sempre constituiu parte integrante das religiões. No entanto, estas não se resumem à proposição e defesa de sistemas morais, incluindo, de modo típico, cultos, liturgias e rituais diversos, hierarquias, princípios teológicos abstratos sem relação direta com a questão da conduta humana, etc. Foi essa bagagem-extra, aliás, o que mais repulsa causou aos chamados “livres-pensadores”, responsáveis pela renovação da filosofia e da ciência a partir do Renascimento, tendo conduzido, por um processo compreensível de exacerbação, ao ateísmo e ao materialismo, em graus sem precedentes na história da humanidade.

Perdidas as bases religiosas tradicionais, a ética teve dificuldades para estabelecer princípios de conduta objetivos. Nasceu daí uma vertente bastante visível na sociedade hodierna, que é o chamado *relativismo ético*, segundo o qual o que é certo ou errado, bom ou ruim, depende da pessoa, do grupo social, da época, etc. De forma oportunista, intelectuais (ou pseudo-intelectuais) têm explorado esse canal para tentar legitimar os mais aberrantes comportamentos individuais ou grupais, contribuindo assim decisivamente para a degeneração das estruturas psicológicas e sociais.

No campo da filosofia acadêmica, existem propostas éticas não-religiosas que procuram refutar o relativismo, dividindo-se em duas grandes classes: os sistemas éticos *racionalistas*, ou aprioristas, como o de Immanuel Kant (1724-1804), e o *utilitarismo*, que encontra raízes em Locke, mas só foi desenvolvido mais explicitamente por Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Pode-se afirmar com razoável segurança que o efeito prático dos sistemas éticos do primeiro tipo sobre as sociedades contemporâneas é quase nulo, por razões que não vem ao caso examinar aqui. Quanto à segunda proposta, embora a palavra ‘utilitarismo’ tenha impropriamente adquirido uma conotação negativa fora dos círculos filosóficos, é inegável que repercutiu de forma profunda no estabelecimento dos melhores sistemas sociais existentes, quer no ponto de vista material, quer dos direitos humanos e do fomento às artes, ciências e filosofia. Mesmo nessas sociedades, porém, assiste-se hoje a crescente desvalorização das avaliações a longo prazo das ações humanas e ao esquecimento dos princípios filosóficos seguros que nortearam os seus

fundadores, abrindo amplo espaço para o referido relativismo moral.

Quando devidamente compreendido, o Espiritismo traz contribuições importantes para todo esse panorama da ética, tão imperfeitamente esboçado aqui. Refinando e estendendo o conhecimento acerca do ser humano, ele permite a elaboração de uma ética objetiva e clara. Tratei desse assunto nos artigos “Os fundamentos da ética espírita” e “A excelência metodológica do Espiritismo” (seção 5), que podem ser consultados para o desenvolvimento ulterior desta resposta.

Em diversas de suas obras, Kardec deu grande importância ao estabelecimento da moral espírita, abordando o assunto em profundidade. Mostrou que com o conhecimento científico espírita a moral deixa de ser uma questão de especulações abstratas ou de opiniões, estando indissociavelmente ligada ao estudo das conseqüências das ações humanas, em conexão com a busca da felicidade, objetivo comum de todos os seres humanos. Ressaltou ainda que o corpo de princípios morais obtidos por essa via da razão e da experiência coincide com aquele proposto por Jesus. Conforme registrou no parágrafo 56 do primeiro capítulo de *A Gênese*, o Espiritismo “[dá] por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza”.

Ora, na medida em que fornece ao homem conhecimento seguro das regras de conduta capazes de harmonizá-lo consigo mesmo e com os demais seres, o Espiritismo torna-se “o mais potente auxiliar da religião”, conforme nota Kardec nos lúcidos comentários adidos às questões 147 e 148 de *O Livro dos Espíritos*. A religião aqui aludida não se confunde, evidentemente, com as doutrinas religiosas tradicionais, com suas hierarquias, dogmas inquestionáveis e práticas exteriores, sendo antes uma religião no sentido próprio do termo, a re-ligação da criatura ao Criador.

A velha questão de se o Espiritismo é ou não uma religião não admite, pois, resposta unívoca, dada a duplicidade semântica do termo ‘religião’. Esse ponto foi lucidamente estudado e, a meu ver, esgotado, no artigo de Kardec intitulado justamente “Le Spiritisme est-il une religion?”, que apareceu na *Revue Spirite* de 1868. Para encerrar, vejamos estes parágrafos do famoso texto:

[...] o Espiritismo é, assim, uma religião? Sim, sem dúvida, senhores: No sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e disso nos honramos, pois que é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos não em uma simples convenção, mas sobre a mais sólida das bases: as próprias leis da Natureza.

Por que então declaramos que o Espiritismo não era uma religião? Pela razão de que há apenas uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, segundo a opinião geral, o termo *religião* é inseparável da noção de culto, evocando unicamente uma idéia de forma, com o que o Espiritismo não guarda qualquer relação. Se se tivesse proclamado uma religião, o público nele não veria senão uma nova edição, ou uma variante, se quisermos, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios: não o distinguiria das idéias de misticismos e dos enganos contra os quais se está freqüentemente bem instruído.

Não apresentando nenhuma das características de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se de um título sobre cujo significado inevitavelmente haveria mal-entendidos. Eis porque ele se diz simplesmente uma doutrina filosófica e moral.

No próximo artigo desta série começarão a ser abordadas algumas questões acerca da ciência espírita e temas correlacionados. ■

---

1. O conteúdo do texto corresponde, com algumas adaptações, a parte de entrevista concedida por mim ao GEAE (Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo), pioneiro na divulgação do Espiritismo pela Internet. A entrevista foi publicada no Boletim n. 300 (edição extra), que circulou em 7/7/1998, podendo ser encontrado no site do GEAE. Gostaria de agradecer ao GEAE a anuência para o aproveitamento do material nesta série de artigos. Sou especialmente grato aos seus membros Ademir L. Xavier Jr., pela iniciativa da entrevista, e Carlos A. Iglesia Bernardo, por haver reunido as relevantes e oportunas questões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIBENI, S. S. “A excelência metodológica do Espiritismo”, *Reformador*, novembro de 1988, p. 328-333, e dezembro de 1988, p. 373-378. (Disponíveis no site do Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp):

- “Os fundamentos da ética espírita”, *Reformador*, junho de 1985, p. 166-9.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Trad. De Guillon Ribeiro, 43<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

- *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro, 23<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

- Le Spiritisme est-il une religion? In: *L'Obsession*. Extraits textuels des *Revue Spirites* de 1858 a 1868. Farcennes, Bélgica, Éditions de l'Union Spirite, 1950. (Uma tradução confiável para o vernáculo, de Ismael Gomes Braga, pode ser encontrada no *Reformador* de março de 1976).

# Um Auto-de-Fé Anterior ao de Barcelona

WASHINGTON LUIZ N. FERNANDES

Muito conhecido, o **Auto-de-Fé em Barcelona** ocorrido em 9-10-1861, quando cerca de 300 obras espíritas foram queimadas em praça pública, em Barcelona, sob orientação do bispo da cidade. Devidamente comunicado do fato, Allan Kardec até pensou em tomar alguma providência, mas foi desaconselhado pelos Espíritos, que explicaram que o acontecimento seria favorável ao desenvolvimento do ideal espírita, em função do interesse que despertaria. E foi isso mesmo o que sucedeu.

Mas em a *Revista Espírita* de 1868, no mês de abril, no artigo intitulado *O Espiritismo em Cádiz*, em 1853 e 1868, o Codificador comenta que Cádiz reivindicava a condição de ser das primeiras cidades na Europa a ter grupo espírita constituído, e ter publicado um livro espírita em 1854, com respostas dos Espíritos às perguntas que se faziam à época. Naturalmente que ficamos muito interessados no assunto, pois sempre alimentamos a certeza de que muita coisa poderia ser descoberta, com relação à história do Espiritismo, se consultássemos jornais espíritas e não-espíritas, a partir da época de Allan Kardec. Isto porque, o que conhecemos, está muito em função dos registros franceses, através da *Revista Espírita* de Allan Kardec. Em pesquisa junto à Biblioteca Nacional de Espanha, localizamos, entre outros, o periódico *El Criterio Espiritista*, 1868, Madrid, Órgão Oficial da Sociedad Espiritista Española, quinzenal, fundador Alverico Perón, e que depois foi continuado pelo *La Fraternidad Universal*. Pedimos para microfilmar o jornal, e realmente foi o resultado esperado, pois descobrimos uma página de ouro da história do Espiritismo. No Brasil, todos ouvimos falar de Fernández Colavida, Amália Domingo Soler, Miguel Vives e outros grandes vultos espiritistas espanhóis. Mas, naturalmente, há muitos outros, e alguns deles estas páginas habilitam desvelar.

Através da carta abaixo, podemos identificar o Sr. Francisco de Paula Coli, de Cádiz, em belo relato ao Sr. Alverico Perón, descrevendo detalhes do Espiritismo em Cádiz, pelos idos de 1855, onde já havia um grupo espírita que se responsabilizou pela organização de um primeiro livro com informações do Além. Allan Kardec em a *Revista Espírita* chega a comentar esta obra espanhola e transcreve algumas passagens, embora considerando que as respostas dos Espíritos são muito elementares e nem todas são de uma exatidão irreprochável. Mas nesta carta transparece o idealismo dos espíritas espanhóis, pois eles foram excomungados pelo prelado da cidade, que mandou seqüestrar esta edição de 3 mil exemplares e queimá-la em praça pública. Mas isto não intimidou os adeptos das novas verdades, que mandaram reimprimir a obra, ensejando novas perseguições. Chamamos atenção para a elegância da carta, que permite retratar o elevado caráter de seu autor, registrando estas páginas históricas da Doutrina Espírita, com referência até do Espiritismo no Uruguai. Traduzimo-la por inteiro, homenageando seu autor:

Cádiz, 20 de maio de 1869

Sr. Don Alverico Péron

Mui senhor meu: com a maior consideração tenho a honra de dirigir-me a V., suplicando-lhe antes de tudo, a liberdade que tomo em molestar-lhe. Motivos de delicadeza mais do que falta de vontade me impediram que antes não lhe houvesse distraído de suas muitas atenções, importunando-lhe com o assunto do qual vou ocupar-me; mas a causa desapareceu, e me decido a fazê-lo. Li no digno periódico que V. dirige, que nosso querido irmão Allan Kardec foi o primeiro que empreendeu trabalhos filosóficos sobre o Espiritismo, e por conseqüência o primeiro propagador da Doutrina. Sinto ter que desfazer este involuntário erro, e se fosse só interesse disso, certamente guardaria silêncio; mas existem todavia muitos indivíduos que na época em que vou me referir, que têm o mesmo interesse que eu em manifestar a verdade dos fatos. Não se trata de obscurecer em nenhum conceito o sublime saber deste grande homem, nem rebaixar no mínimo o muito que se sacrificou a benefício da humanidade – porque seria temerário intentá-lo e impossível consegui-lo; estou só no dever de fazer alguns esclarecimentos, para colocar as coisas em seu devido lugar. Em fins de 1855, nos reunimos em Cádiz vários amigos com o objeto de observar detida e conscientemente o fenômeno que havia algum tempo vinha chamando a atenção, a que se deu depois o nome de Espiritismo. O tempo nos permitiu, por meio de muitas provas que se praticaram e os bons resultados que obtivemos de que não era questão de mero passatempo, que encerrava um grande mistério que se devia estudar com a maior atenção. Nesse conceito, e para levar adiante a empresa, tratamos de formar uma Sociedade. Isto se conseguiu logo, pois antes de um mês se haviam reunido mais de cem sócios. Se instalou a Sociedade, com seus Estatutos e nomeando uma Junta Diretiva; desde logo que esta se constituiu decidimos trabalhar ativamente, sem medir esforços para conseguir um fim útil e proveitoso. Entre os vários projetos decididos por esta Junta Diretiva, o primeiro deles foi publicar um periódico; porém, pelos vários inconvenientes, foi preciso desistir da empresa; em seu lugar se resolveu publicar um opúsculo, o qual tomo a liberdade de remeter-lhe, distribuindo-o grátis, tanto nesta como em outras localidades, onde houvesse oportunidade. Se para o periódico encontramos mil impedimentos, não menores obstáculos se apresentaram para a impressão da obra. Todos os impressores se negaram a imprimi-la; por fim, depois de muito andar, encontramos alguém que aceitou o encargo, mediante um bom pagamento, e não sendo menos de mil exemplares. Antes de dá-lo a público foi preciso passar pela censura, tanto pelo governador como o fiscal de imprensa; ambos o acharam conforme para circulação; mas o fiscal indicou que havia alguns pontos de confronto com a religião e, por isso, seria conveniente passar antes pela censura eclesiástica. Este incidente nos fez desde logo prever o que ia acontecer. O prelado, ao saber da Doutrina contida no folheto e sua fonte, ofuscando sua razão, e sem consultar mais do que a má impressão que ocasionou sua leitura, ato contínuo oficiou ao governador para que este, sem perder tempo, mandasse seqüestrar todos os exemplares, colocando-os à sua disposição. Assim se fez, e dito prelado fez um auto-de-fé diante do palácio. Estou seguro que foi levado pelo

melhor desejo a executar aquilo com o que julgava nosso erro, se tivesse sido possível fazê-lo sem nos queimar. Mas não parou aí sua boa vontade; no dia seguinte fez uma pastoral pela qual nos excomungou a todos, chamando-nos de ateus e panteístas, proibindo a todos os fiéis a evocação de espíritos, sob pena de excomunhão. Deu ordem a todos os curas para que lessem esta pastoral em suas respectivas paróquias, nos dias festivos, e ele se deu ao trabalho – tempo perdido – de fulminar anátemas contra nós na Cátedra del Espíritu Santo. Este contratempo não nos intimidou nem deteve a marcha e, reunindo novos fundos – porque os opúsculos seqüestrados foram pagos sem ser adquiridos – se decidiu que o presidente da Sociedade passasse à Praça de Gibraltar para fazer uma nova impressão de 1.200 exemplares. O vigário católico daquele ponto, inteirado do trabalho que se estava efetuando, deu aviso imediatamente ao Bispo. Sem embargo das muitas precauções que tomou para impedir a introdução em Cádiz, todas foram inúteis; os exemplares entraram e se distribuíram não só aqui, mas em quase todos os povos de seu bispado. Como a atenção da Junta Diretiva havia logo fixado a idéia de estabelecer um centro donde partisse a unidade da Doutrina, no caso de serem estabelecidos mais círculos, aproveitou a ocasião da saída dos que levavam a missão de distribuir o opúsculo para que eles trabalhassem ao mesmo tempo a formação dos núcleos, a cujo efeito levaram instruções. Não trabalharam em vão; nos vários povoados ficaram círculos segundo se desejava. Ao mesmo tempo saía para Montevidéu um dos nossos irmãos, capitão, ao qual se entregaram um número de exemplares para que fossem distribuídos naquela cidade, ao mesmo tempo com a mesma missão de formar núcleos. Este irmão tampouco perdeu seu trabalho; a sociedade que ainda existe lá foi fundada por ele. Não somente os irmãos que a formaram nos deram as maiores provas de adesão e fraternidade, mas também colocaram à nossa disposição uma quantidade bastante considerável – que não aceitamos – produto de uma subscrição que se fazia feito entre aqueles a nosso favor. Porém os trabalhos que fazíamos, por maior discrição que se tivesse em praticá-los, não podiam estar completamente ocultos, nem menos desconhecer a origem de onde partiam. Chegaram ao conhecimento do prelado, e este decidiu exterminar-nos, sem se deter nos meios que devia adotar para consegui-lo. Passou um ofício à autoridade civil, manifestando-lhe que imediatamente se desse ordem terminante para que fosse dissolvida nossa sociedade, ele comunicaria diretamente ao Governo Supremo, que se consentia em Cádiz um Clube Revolucionário. Inobstante a indignação que isto causou, pouco evangélico para um príncipe da igreja católica romana, não foi possível deixar de intimar da ordem fatal. Foi preciso obedecer, ainda que não totalmente, pois os que formavam a junta Diretiva, cujo presidente era um dos médiuns, seguiram trabalhando. Para poder fazer algumas publicações clandestinas, fizemos vir de Madrid uma imprensa litográfica. Pouco a utilizamos, porque um incidente imprevisto pôs fim à nossa reunião. Os dois médiuns tiveram que viajar à ultramar. Mas com esta narração que tomo a liberdade de fazer-lhe, poderá ver que em Espanha, antes que em França, ou mais exatamente em Cádiz, antes que em nenhum outro ponto houve apóstolos pregadores da doutrina espiritualista, que se não puderam levar avante a empresa segundo seus desejos, sofreram em troca perseguição e martírio, porque sacrificando-se em honra de sua fé, arrastaram o ridículo que tão

ostensivamente lhes prodigalizou o fanatismo, a hipocrisia e a má-fé. Os documentos que justificam a verdade do exposto, como também os resultados dos trabalhos de nossa comunicação com os seres da vida espiritual durante nossa reunião, estão depositados e custodiados por quem foi nosso vice-presidente. No opúsculo que incluo quem sabe haverá alguns pontos com os quais não esteja de acordo; porém como meu ânimo não é estabelecer doutrina nem muito menos travar controvérsia, é unicamente para fazer conhecer a maneira que já naquele tempo em Cádiz se trabalhava no espiritualismo. Persuadido de que o que foi manifestado dará cargo da justiça que me assiste para solicitar de sua amabilidade a consignação destas memórias em seu apreciado periódico, suplicando-lhe perdão pela exigência, de que se der ao trabalho de mandar inseri-lo, há de ser íntegra toda a carta que tenho a honra de dirigir-lhe. Se V. não acreditar oportuno fazer este obséquo, espero que sua bondade me comunique tão pronto lhe seja possível. De todo modo, tenho a maior satisfação em aproveitar esta ocasião para manifestar o desejo que me conte por um dos mais humildes irmãos es.q.b.s.m. Francisco de Paula Coli; in *El Criterio Espiritista – 1868, Madrid, Espanha – p. 247.*

É importante frisar, portanto, que de modo algum estes fatos diminuem a elevada missão de Allan Kardec, mas, pelo contrário, a engrandecem, pois servem para demonstrar que o Espiritismo foi programado pela Espiritualidade Superior em todo o Planeta, sendo ele a pessoa responsável pela sua Codificação. ■

# Porque Somos Gemas Raras

SÔNIA ARRUDA

A estrada é longa, suspeitamos. Possui trechos tão difíceis que achamos improvável que possamos superá-los.

Quedamo-nos em inquietações e agonias porque nos sentimos impotentes para mudar o rumo das coisas. E reconhecemos a nossa pequenez e fragilidade humanas.

Mas, somos espíritas! A Doutrina que professamos é de esperança e consolação.

Importante é reconhecer nossa condição espiritual, porém sábio é batalhar para o nosso crescimento interior.

Cada luta, cada obstáculo, cada lágrima, se bem aproveitados, capacitam-nos a empreender vôos mais altos e mais seguros, rumo a horizontes mais felizes.

Bendigamos a oportunidade do testemunho e o ensejo do sofrimento, pois somos gemas raras, não obstante temporariamente escondidas pela lama de erros passados.

Jesus é nosso Mestre, Amigo, Guia e Modelo. Ele nos ensinou uma nova maneira de ver as situações; disse-nos ser o Caminho; livrou-nos da paralisia da ignorância e nos orienta com segurança na estrada do recomeço.

Conhecer Jesus;

Compreender Jesus;

Amar Jesus;

Seguir Jesus.

Quatro passos que precisamos dar em prol do nosso futuro resplandecente.

Em que estágio, presentemente, nos encontramos?

Quantos, destes passos, já demos? ■



# Do Orgulho à Humildade: Judas e o Perdão

ROOSEVELT PINTO SAMPAIO

“É mais fácil revidar uma ofensa do que desculpá-la vencendo todos os impulsos inferiores que residem no imo”. *Joanna de Ângelis* 1

A Humanidade tem a lhe dificultar a escalada da vida dois grandes obstáculos, inerentes à dicotomia orgulho *versus* humildade. Esses obstáculos, mesmo em nossos dias, ainda nos fazem incorrer em diferentes erros em face das manifestações deles decorrentes.

Neste artigo optamos por mostrar como o orgulho pode se transformar em humildade, através de um exemplo marcante que chama nossa atenção ainda, por ter ocorrido na época em que Jesus conviveu conosco na Terra.

Estamos nos referindo a Judas Iscariotes, discípulo de Jesus que faliu, traindo o Mestre, fundado justamente numa trajetória marcada pelo orgulho e pela inveja – outro sentimento decorrente do primeiro – embora se caracterizasse também como inteligente, amoroso, porém muito inquieto.

Judas revela, em entrevista dada a Humberto de Campos (Espírito), no livro “Crônicas de Além-Túmulo”, que era apaixonado pelas *idéias socialistas* do Mestre. Foi, no entanto, capaz de sacrificar seu orientador em função de ver na política, acima de tudo, a única via que libertaria os judeus. Ao mesmo tempo pensava que haveria um sério entrave para tomar as rédeas do poder: Jesus, que se preocupava com os pobres, não se importando com o poder e a riqueza. Resolveu, então, planejar uma revolta surda, à semelhança do que vemos hoje em dia, visando a dar um golpe forçado, para derrubar o chefe de estado.

Chamamos a atenção para esse exemplo porque o seu gesto ficou tão marcante que é comum nos referirmos a um traidor como sendo Judas, isto é, as palavras tornaram-se sinônimas.

Ávido de progresso, Judas pediu, quando no plano espiritual, para ser incluído no grupo de discípulos que iriam acompanhar a trajetória de Jesus em sua missão na Terra. Foi desaconselhado por seus guias espirituais que lhe afirmaram estar a tarefa além de suas possibilidades e que, certamente, ele iria falir. Ainda assim insistiu e Jesus, que conhecia bem o seu modo de ser, achou que essa poderia ser uma oportunidade muito boa para que ele tirasse graves, profundas e importantes lições que permitissem o seu soerguimento posterior.

A total adesão de Judas às idéias de Jesus chegou a fazer com que ele se julgasse dono da Boa-Nova, daí tomando deliberações importantes.

Jesus lhe aconselhava prudência, amor e tolerância. Suas atitudes, no entanto, levaram-no até a ser ilhado pelos seus companheiros, em quem provocava desconfianças. Pela sua formação – era negociante antes de juntar-se a Jesus – só acreditava como válidas as obras que envolvessem dinheiro e poder que dele emanasse. Muitas vezes sugeriu a formação do reino de Jesus e o Mestre sorria, diante de tais insinuações.

Como nos indica Emmanuel, Judas: “(...) não pôde compreender o Evangelho de outra forma, ignorando que Deus é um credor cheio de misericórdia, que espera generosamente a todos nós, que não passamos de míseros devedores. Talvez

amasse profundamente o Messias, contudo, a inquietação fê-lo perder a oportunidade sagrada. Tão-só pelo desejo de apressar a vitória, engendrou a tragédia da cruz, com a sua falta de vigilância.”<sup>2</sup>

Sua impaciência levou-o a uma ação precipitada. Judas, que era hostil à dominação romana, esperava que logo fosse possível fazer-se a tomada deste poder. Via Jesus com uma ponta de inveja. Achava, no entanto, que Ele não seria capaz de, por falta de condições e vontade, realizar este ato. Acresça-se a isso a existência de um movimento anárquico que era dirigido por Barrabás com esta finalidade.

Julgando-se capaz de precipitar as coisas deu curso ao que conhecemos. Na sua avidez de poder não pôde aquilatar que estava sendo usado para afastar, derrubar e mesmo imolar o Mestre Jesus, incômodo às classes sacerdotais e dos judeus mais abastados.

Vemos, no entanto, a reação esplendorosa do mestre que, embora notasse Judas no meio dos guardas que vinham prendê-lo, mesmo assim lhe dá o título de amigo. Diz Emmanuel:

“(…) Não lhe retira a confiança do minuto primeiro, não o maldiz, não se entrega a queixas inúteis, não o recomenda à posteridade com acusações ou conceitos menos dignos.”<sup>3</sup>

É ainda Emmanuel que nos informa:

“Desorientado, em vista das terríveis conseqüências de sua irreflexão, Judas procurou os sacerdotes e restituiu-lhes as trinta moedas, atirando-as, a esmo, no recinto do Templo.”<sup>4</sup>

Em “Pontos e Contos”, temos novamente a palavra de Judas quando nos narra outro episódio: o encontro de Tiago e Matias (substituto de Judas), os quais criticando a ação de Judas se deparam na estrada com a figura resplandecente do Mestre. Inquirido por Tiago se podia acompanhá-lo à cidade para receber dEle suas vontades e cumpri-las, obteve como resposta: “Não, Tiago – respondeu o Cristo, doce e firmemente -, não vou agora à cidade, sigo em missão de auxílio a Judas.”<sup>5</sup>

Encontramos na obra “Os Quatro Evangelhos” duas mensagens de Judas e uma dos quatro evangelistas, assistidos pelos apóstolos, e assinada também por José de Arimatéia e por Simão de Cirene, com esclarecimentos importantes sobre o fato.

Na primeira mensagem ditada por Judas ele ressalta a impossibilidade de sua prévia escolha para trair Jesus, em face de ser inaceitável um comportamento desse teor por parte de Deus. Mostra que, apesar da sua teimosia em acreditar mais na presunção que na presciência de seus guias, Deus lhe estendeu a mão para que se erguesse após a queda, fazendo, assim, com que surgisse nele uma virtude, até então inexistente, a humildade. Na sua segunda mensagem, assim ele nos diz: “Oh! Como é grande esse Deus que permite que o filho culpado encontre, na sua própria indignidade, o ponto de apoio que o ajudará a subir para a perfeição!

Oh! Quanto é bom aquele que está sempre pronto a perdoar ao que sinceramente se arrepende, que pensa com suas mãos benfazejas as chagas dos nossos corações culpados, que nelas derrama o bálsamo da esperança e as cicatriza com o auxílio da expiação!”<sup>6</sup>

Após estas mensagens, os evangelistas afirmam: “(…) Judas é hoje um Espírito regenerado no crisol do arrependimento, do remorso, da expiação, da reencarnação e do progresso. Tornou-se um dos auxiliares humildes, ativos e devotados do Cristo. Este exemplo vos mostra que não deveis nunca repelir qualquer de vossos irmãos e ainda menos excluí-lo da paz do Senhor.”<sup>7</sup>

São os Evangelistas que nos exortam ainda: “Todos tendes, mais ou menos, o que expiar, tendes que pedir perdão. Vinde com confiança aos pés do vosso pai confessai vossas faltas perante o seu tribunal. O juiz é reto, o juiz é justo, mas também é pai. Sua indulgência há de sempre prevalecer sobre sua justiça; suas sentenças ele as profere sempre dentro dos limites das vossas forças. É credor paciente e brando; esperará que possais pagar a vossa dívida.” 8

Em outra mensagem de Judas contido no volume IV de “Os Quatro Evangelhos” – O Evangelho de João – ele nos concita a orar pelos pecadores e no final dessa belíssima mensagem exorta-nos à aproximação com Deus através do amor, desse Deus que, pleno de bondade, ampara nossos esforços, nossa perseverança no bem, que estende Sua mão a todas as criaturas, benefício que ele, Judas, ainda que fosse um vil traidor, havia recebido.

Nova mensagem de Judas encontramos em “Vida e Atos dos Apóstolos”:  
“(…) Jesus, meus bons amigos, o Messias, aquele que foi enviado por DEUS para salvar O Mundo onde viveis hoje, já perdoou a Judas Iscariotes a sua fraqueza e cegueira. DEUS, em sua misericórdia infinita, concedeu, pela boca de seu Filho amado, o perdão àquele que foi outrora infiel, traidor, perjuro, falso e criminoso discípulo do Messias, que jamais deixou de lamentar e compadecer-se da fraqueza e miséria de seu discípulo. (...)”

E continua: “(...) Estou diante de vós, meus bons amigos, para me confessar agradecido pelas grandes e imensas provas de amor que me foram dispensadas por DEUS e por Nosso Senhor Jesus Cristo.

“Apareço aqui, perante vós, meus companheiros e amados irmãos para penitenciar-me dos erros que pratiquei e, ao mesmo tempo, entoar hinos à Infinita Sabedoria e à pureza imaculada desse mestre admirável, à incomparável bondade desse coração todo feito de doçuras e amor.” 9

Lembra que em todas as homenagens, prestadas a Jesus ele sempre é visto como a figura repugnante de traidor. No entanto, conforme o Mestre ensina, não se pode atirar a primeira pedra quando se está cheio de pecados.

“Quanto ao Divino Mestre – continuou Judas com os seus prantos -, infinita é a sua misericórdia e não só para comigo, porque, se recebi trinta moedas vendendo-o aos seus algozes, há muitos séculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo, a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoedado...” 10.

Incita-nos, então, a orar com ele ao Senhor. Pede a Ele que aceite a prece daquele que fora traidor, falso e pérfido em outros tempos. Faz-nos orar nesse momento, na sua presença, pois fora merecedor de graças em face da bondade dEle, pedindo ao Pai que nos ofereça a mesma paz que Ele lhe concedera, filho cruel e infame.

Este episódio da traição de Judas, digno de ser analisado em maior profundidade, do qual se depreende que a maior virtude por ele alcançada foi a **humildade** serve-nos de base no sentido de atentarmos que:

- passados dois mil anos, a Humanidade ainda cultiva o orgulho e a ele se apegava. Ela critica várias formas de comportamento usuais dele oriundos, mas continua agindo da mesma forma;
- a justiça de Deus age de modo a sempre nos oferecer a oportunidade de renovação;
- a renúncia, o arrependimento, a retidão oferecem-nos importantes elementos para nossa recuperação.

Os exemplos que o Mestre Jesus nos deixou são bem pouco considerados e seguidos e neles estão estampados o amor, a humildade, o perdão... As

sociedades encontram dificuldade em adotá-los em função de que esses sentimentos nivelam os homens – todos são iguais, irmãos e devem ajudar-se mutuamente, o que contraria os valores vigentes fundados na propriedade, na busca do poder, na posição, na subordinação, que atropelam na maioria das vezes os direitos do próximo e são, portanto, incompatíveis com a fraternidade e a igualdade que deveriam predominar.

Devemos entender que o homem não é feliz por possuir ou deixar de possuir; no fundo ele é apenas um usufrutuário ou um mordomo investido pelo Pai dessa condição.

A Boa-Nova recorda sempre a existência de dois grandes escolhos da Humanidade – **o orgulho e o egoísmo** – a perturbar a ação dos indivíduos, constituindo-se nos geradores das misérias da vida. A partir deles, outros vícios surgem propiciando o aumento das misérias humanas e das angústias existenciais.

O orgulho faz com que o indivíduo pense em si antes de pensar nos outros, busque primeiramente satisfazer o seu ego, sacrificando tudo o que possa dificultar seus interesses e desejos, ainda que agindo de forma amoral. Podemos dizer que com a exaltação de si mesmo o indivíduo vê-se detentor de todos os direitos.

O orgulhoso mostra, através de suas atitudes, baixa compreensão, não admitindo o altruísmo nem a generosidade, o que impede o nosso desenvolvimento interior em Cristo.

Sabemos, no entanto, que em oposição ao orgulho temos a **humildade**, tão importante ao nosso progresso!

A humildade faz com que o indivíduo se apague, não procurando demonstrar poder e posição. Como nos ensina o apóstolo Paulo, nada devemos realizar com a finalidade de causar espanto, conflitos ou envaidecimentos. A humildade não permite melindres e Jesus tão bem nos exemplificou como agir quando, apesar de vilipendiado, insultado, perseguido, primou pela humildade em todos os seus atos.

A humildade nos conduz ao perdão – o verdadeiro perdão – que é a mais lídima demonstração de amor, quando quem perdoa não se preocupa com atitudes de reconhecimento de quem o recebe. O perdão faz esquecer o mal e volta aquele que age dessa forma para o bem, cooperando com o próximo, jubilando-se com seu sucesso e, desse modo, capacitando-se a ascender em sua caminhada.

Em complemento, devemos refletir sobre a afirmação de Lacordaire, em uma das *Instruções dos Espíritos* contidas em “O Evangelho segundo o Espiritismo”: “O Cristo vos legou a sua Doutrina; deu-vos o exemplo e todas as virtudes e tudo abandonastes, exemplos e preceitos.”<sup>11</sup>

Lutemos, pois, contra o orgulho, a inveja, o egoísmo e todos os vícios, procurando cultivar em nós a humildade, aproximando-nos assim do Mestre, através de comportamentos dignos daquele que deseja ser HUMILDE e FIEL servo de Sua Seara. ■

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FRANCO, Divaldo Pereira. *Messe de amor*. Ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis, 4. Ed. Salvador, Alvorada, 1983, p. 141
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Pérolas do Além*. 5. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1992, p. 131.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho Verdade e Vida*. Ditado pelo Espírito Emmanuel. 18 ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998, p.196.
4. XAVIER, op. cit. P. 197.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Pontos e Contos*. Ditado pelo Espírito Irmão X. 10. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999, p. 186.
6. ROUSTAING, J. B., *Os Quatro Evangelhos* Vol. III. Tradução de Guillon Ribeiro. 8. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996, p. 393.
7. ROUSTAING, op. cit. P. 394.
8. Id., Ibid, p. 394.
9. SCHUTEL, Cairbar. *Vida e Atos dos Apóstolos*. Matão. O Clarim, 1981, p. 245 e 246.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Crônicas de Além-Túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos 13. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998, p. 43.
11. KARDEC, Allan. *Instrução dos Espíritos*. In: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* Tradução de Guillon Ribeiro. 115. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998, p. 142.

# Seara Espírita

## **PARANÁ: SIMPÓSIO DE ESPIRITISMO**

A Federação Espírita do Paraná promoveu o IV Simpósio Paranaense de Espiritismo nas dependências do Círculo Militar do Paraná, em Curitiba, em 20, 21 e 22 de agosto passado, com a participação de Divaldo Pereira Franco e José Raul Teixeira, que desenvolveram o tema central – “Amor, Alma da Vida”- através de conferências, seminários e, no encerramento, um painel, em conjunto, que tratou de aspectos importantes da vivência espírita.

\*

## **SEMINÁRIO SOBRE FEIRAS, CLUBES E BANCAS DO LIVRO ESPÍRITA**

A Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita (ADELER) promoveu em 17 de julho, na Faculdade de Tecnologia de São Paulo, o 1º Seminário de Preparação e Organização de Feiras, Clubes e Bancas do Livro Espírita, com abordagem de assuntos relacionados com: integração, divulgação, administração, experiências e vivências das Feiras, Bancas e Clubes do Livro Espírita.

\*

## **ALAGOAS: FÓRUM DE DEBATES ESPÍRITAS**

Será realizado nos dias 14 a 17 de outubro, em Maceió, o 5º Fórum de Debates Espíritas de Alagoas – FOREAL -, que terá como tema central “Construindo uma Civilização de Amor e Paz”, propondo-se a refletir e discutir com a sociedade alagoana as necessidades de criar condições propícias à vivência do Amor e da Paz. Serão expositores, entre outros, Divaldo Pereira Franco (BA), Ney Lobo (PR), André Luiz Peixinho (BA) e César Soares dos Reis (RJ).

\*

## **LONDRES: ENCONTRA ESPÍRITA**

Realizou-se em Londres, Inglaterra, em 12 de junho passado, o I Encontro Espírita Britânico, com a participação dos sete grupos espíritas que fazem parte do BUSS – British Union of Spiritist Societies – órgão de unificação dos espíritas britânicos, criado há cinco anos. Divaldo Pereira Franco foi o conferencista do evento.

\*

## **FRANÇA: SEMINÁRIO SOBRE ESPIRITISMO**

A Union Spirite Française et Francophone, que integra, como fundadora, o Conselho Espírita Internacional e edita La Revue Spirite, fundada em 1858 por Allan Kardec, promoveu em Villeneuve-le-Roi um seminário baseado no livro “O que é o Espiritismo”, de Kardec, com a participação de dirigentes de diversas instituições espíritas francesas. A organização do evento foi do Group Spirite Allan Kardec (I, Route D’Orly – FR-94290 Villeneuve-le-Roi – France). (SEI)

\*

## **CEARÁ: SEMINÁRIO SOBRE ORGANIZAÇÃO E UNIFICAÇÃO**

A Federação Espírita do Estado do Ceará realizou em Fortaleza, na sua sede, o II Seminário sobre organização e unificação do Movimento Espírita Cearense, no período de 16 a 18 de julho, com os objetivos de avaliar o primeiro ano de

funcionamento da nova Estrutura Organizacional implantada pelo Conselho Espírita Estadual, e apresentar os projetos, realizações e dificuldades relativos às atividades do CDE, AREs, UDEs E DE. Público alvo: Presidentes das Instituições Espíritas Associadas e seus assessores.

### **ASSOCIAÇÃO MÉDICO-ESPÍRITA INTERNACIONAL**

**Durante a realização do II Congresso da Associação Médico-Espírita do Brasil e I Encontro Internacional de Médicos Espíritas, ocorrido no Centro de Convenções do Anhembi, na cidade de São Paulo, de 3 a 5 de junho último, foi fundada a Associação Médico-Espírita Internacional, de cujo ato participaram: Dra. Marlene Rossi Severino Nobre e a Diretoria da AME-Brasil: Drs. Francisco José Ribeiro e Isabel Ribeiro, ambos de Portugal, Dra. Maria de La Gracia de Ender, do Panamá, Dr. Daniel Gomez Montelli, da Argentina, Dr. Fábio Villarraga, da Colômbia, e Dr. Edwin Bravo, da Guatemala. A Dra. Marlene Nobre foi eleita para a Presidência da AME-Internacional.**

\*

### **PORTUGAL: CURSO E SEMINÁRIO SOBRE MEDIUNIDADE**

A convite da Associação Espírita de Leiria e da União das Sociedades Espíritas do Norte de Portugal, a Diretora do Departamento de Estudo do Espiritismo da FEB, Marta Antunes de Oliveira Moura, esteve naquele país no período de 1<sup>o</sup> a 11 de julho passado, quando realizou, em Leiria, um Curso sobre Estudo e Educação da Mediunidade e, no Porto, um Seminário sobre o mesmo assunto, além de palestras nas cidades de Braga, Agueda, Ilhavo, Aveiro, Leiria e Porto.

\*

### **PERNAMBUCO: MOSTRA ESPÍRITA**

**Com o objetivo de proporcionar oportunidade de se conhecer o Espiritismo em seus aspectos fundamentais e em sua abrangência, a Federação Espírita Pernambucana e o Conselho Federativo Estadual promoverão a Mostra Espírita no Centro de Convenções de Pernambuco (Teatro Guararapes), de 24 a 26 do corrente mês, com o tema “Jesus: Caminho, Verdade e Vida”. Participarão como expositores: Djalma Mota Argollo (BA), Joselma Maria Coelho (MG), Vitor Ronaldo de Sousa Costa (DF), e, de Pernambuco, Frederico Menezes, Lizst Rangel, Spencer Júnior e Suely Werkhauser.**